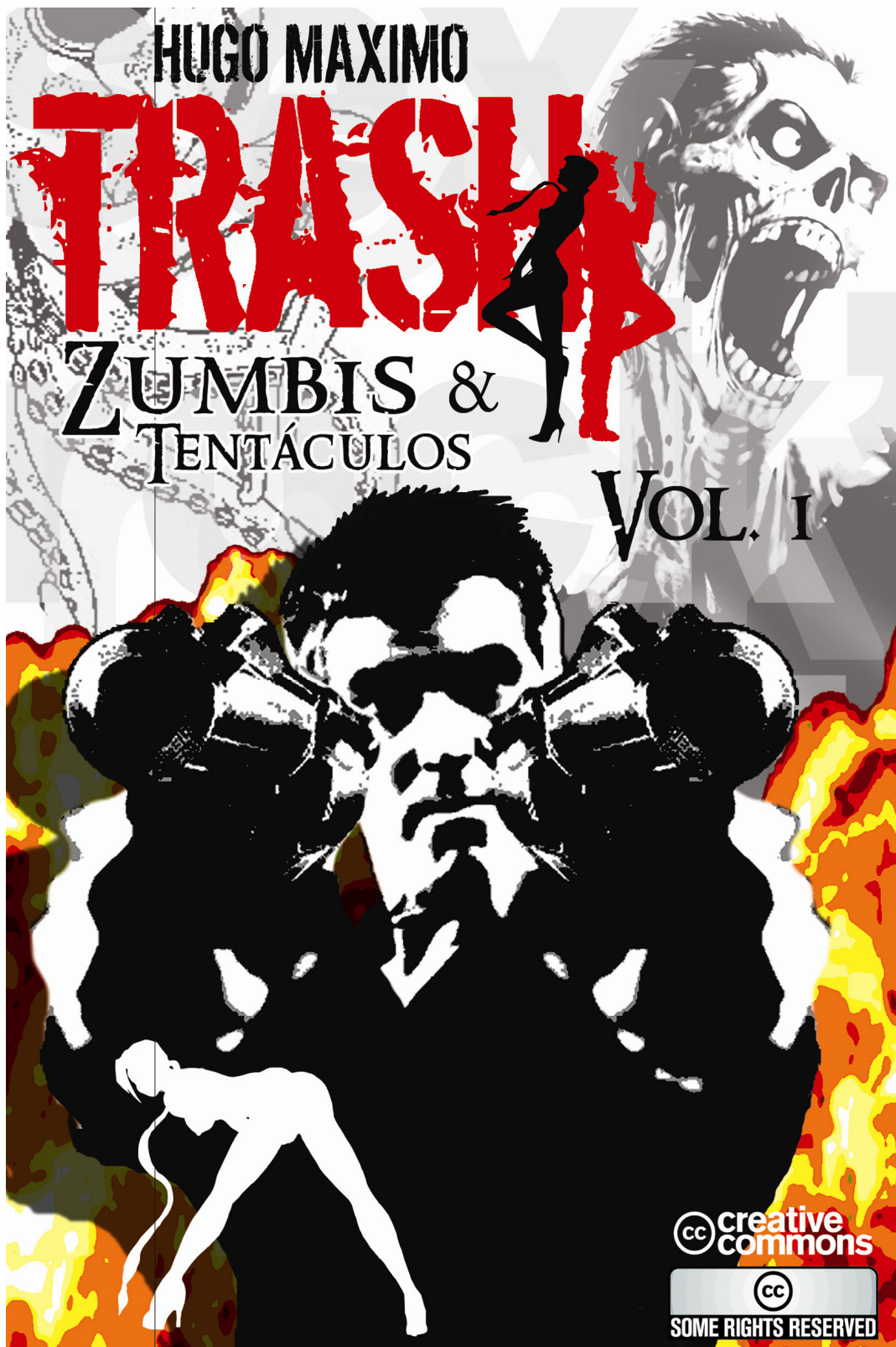


HUGO MAXIMO

TRASH

ZUMBIS &
TENTÁCULOS

VOL. I



CC creative commons



SOME RIGHTS RESERVED



HUGO MAXIMO



VOL. I

© Copyleft © 2007 Hugo Maximo.
Alguns direitos reservados ao autor.



Projeto Editorial:
H. Maximo

Capa:
H. Maximo

Você pode encontrar mais informações e livros deste autor em:
www.matrixordinaria.blogspot.com

Ficha Catalográfica

Maximo, Hugo
TRASH Vol. I: Zumbis & Tentáculos / Hugo
Maximo. Blumenau: Produção Independente, 2007.

215 p.

(Trash, v.1)

1. Ficção brasileira. I. Título.

Este trabalho está licenciado sob uma Licença Creative Commons Atribuição-Uso Não-Comercial-Vedada a Criação de Obras Derivadas 2.5 Brasil. Para ver uma cópia desta licença, visite <http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/2.5/br/> ou envie uma carta para Creative Commons, 171 Second Street, Suite 300, San Francisco, California 94105, USA.



Para meu querido pai, que infelizmente jamais leu algo que escrevi profissionalmente e, para mim mesmo, com amor e carinho, simplesmente porque foi preciso.

“Coisas estranhas e instigantes acontecem e nos fazem sonhar com o que a ficção especulativa brasileira poderia fazer, adaptando influências estrangeiras, descobrindo estratégias para a representação da realidade local, se as condições fossem outras.”

Roberto Causo

“Ele disse que os mortos tinham almas, mas quando eu perguntei como é que podia ser — eu pensei que os mortos eram almas, ele interrompeu o meu transe.

— Isso não deixa você desconfiado, saber que os mortos estão escondendo alguma coisa? É, os mortos estão escondendo alguma coisa.”¹

Robert Frost, "Two Witches"

¹ Livre Tradução.

INTRODUÇÃO

Vamos falar a verdade. Esse negócio de zumbis, lobisomens, vampiros e múmias (*imortalizados pelos clássicos da Universal, algumas vezes não com muito respeito*), já passou. Hoje esses camaradas beiram mais o ridículo. É um fato. A idade chega para todos, até mesmo para o conde imortal. Temos que admitir. Está tudo bem, é verdade. Contudo, não podemos negar que são muito divertidos. Quando criança, temia esses monstros, *bem esses aí*, listados à cima. E foi justamente por isso que criei esta história. Precisava tirar anos de referências e histórias de dentro da minha cabeça. Eles estavam me deixando louco, gritando uivando e urrando, querendo sair. E eu queria englobá-los, bem como seus respectivos clichês, em uma única história. Acho que consegui. Tomei

algumas liberdades aqui e ali, a fim de unir tudo numa coisa só e para isso (*quase sem querer*) acabei criando um monstro só meu. Eu precisava encontrar alguém poderoso o suficiente para comandar a horda que havia resolvido convocar. Assim surgiu o *Sr. Gray, o Homem Cinza*. Nestes primeiros volumes, pouco será revelado deste, que talvez venha a ser o personagem principal desta trama, mas aos poucos vamos conhecer seus objetivos e planos malévolos.

A história me escapou ao controle em alguns momentos (*confesso*) e por isso cresceu mais do que havia imaginado inicialmente. O que era pra ser apenas um livro se tornou dois e dois se tornaram três e... vou tentar manter a coisa assim, mas não posso prometer nada, pois as histórias têm vontade própria. Qualquer um que já tenha encostado a caneta no papel com a intenção de criar um enredo sabe disso. Vamos, admita!

Voltando agora aos supracitados personagens, que são conhecidos como personagens do tema Horror ao qual o gênero é Fantasia (*não esqueçamos disso*), você verá que a coisa não é tão assustadora assim, não mesmo. E isso tem um motivo. Acho que estes personagens, que já nos

serviram tanto e tão generosamente ao longo desses anos, já estão um pouco desgastados, cansados, talvez. Mas nem por isso perderam o seu charme. Portanto, vamos encará-los, você e eu, uma vez mais.

TRASH – LIVRO I

ZUMBIS E TENTÁCULOS

CAPÍTULOS:

MATADOR DE ZUMBIS
ESQUIZOFRENIA BLUES
VAL-PASO
SUSIE Q

TRASH

ZUMBIS & TENTÁCULOS

Capítulo 1

Matador de Zumbis

El Paso é uma cidade pequena mal acomodada bem no meio de lugar nenhum — assim como as cidades pequenas costumam ser — assim como suas irmãs cidadezinhas vizinhas, todas apertadinhas em uma confusão confortável (mais tarde você vai entender essa parte da confusão). Agenor de Miranda “Fox” Araújo Neto chegou a El Paso quando já havia escurecido. Havia se confundido em alguma parte do caminho, mas logo achara o ruma. Pensava que havia encontrado, melhor dizendo. Era complicado, afinal estas malditas estradas do interior pareciam todas iguais. Todas muito parecidas, todas iguais. Ele havia roubado um carro. Havia se

atrapalhado um pouco no início, mas só no início. Na televisão essas coisas parecem mais fáceis, mas com um pouco de paciência ele acabou conseguindo. A tal da ligação direta, feita no escuro, não se dava como nos filmes, mas ele conseguiu. A cidade estava quieta naquela sexta-feira. Sei o que você está pensando, mas as sextas-feiras eram monótonas em El Paso, pelo menos até a chegada de Fox. Talvez El Paso continuasse monótona depois que Fox saísse dali, mas sua chegada fora um acontecimento. Ele estacionou o Fusca conversível roubado, evidentemente, negro como a noite, diante do único bar aberto na cidade. Era impossível não notarem sua chegada. O bar era uma varanda enorme com algumas mesas de plástico pintadas com emblemas de marca de cerveja e lâmpadas penduradas em seus próprios fios condutores. Cartazes promocionais alardeavam a melhor cerveja, pelo menor preço e como que — para provar —, havia um odor forte e cítrico de mijo de gato. Os fregueses eram um espetáculo à parte. Uma porção de velhotes banguelas e suados, alguns adolescentes que jogavam sinuca sem camisa e três garotas que com toda certeza já deviam estar na cama. Todos olhavam espantados para a

chegada do estranho. O Fusca ronronava macio enquanto Fox examinava atentamente o local através do pára-brisa empoeirado e das lentes dos óculos escuros e verdes. Ele tinha a barba por fazer e um palito de fósforos no canto da boca que rebolava pra lá e pra cá, quando mascava o chiclete já sem cor ou gosto. Quando desligou o motor o ar se encheu com o som de *Mary had a little lamb*. Ao som do solo de Stevie Rai Vaughan, Fox desceu do carro revelando o coturno por sobre a calça jeans desbotada. Sobre o peito um trapo que já fora preto e com uma estampa que poderia ser Ramones. Cabelos curtos arrepiados e, claro, não poderia faltar, um sobre-tudo. Sua descida do carro foi em quase em câmera lenta, quase teatral. Fox caminhou para o bar com passos firmes, os braços afastados do corpo, como um pistoleiro do velho oeste prestes a sacar sua arma. Na verdade, além da pose, ele mantinha os braços assim devido ao grande número de *equipamentos* que trazia por baixo do sobre-tudo. Parou na entrada e lentamente olhou para todos. Novamente, tudo em câmera lenta, tudo teatral. Depois sacou um maço de Marlboro do bolso de dentro do casaco e o acendeu com um isqueiro metálico que fazia *clic* ao ser aberto e

fechado. A fumaça pareceu escorrer por seu rosto, quase morna, dando-lhe um ar de ator de teatro. Em seguida guardou o isqueiro e o maço de cigarros em dois movimentos rápidos e precisos (que pareciam bastante ensaiados, diga-se de passagem), enquanto Mendes, da Agropecuária Sesmaria, se perguntava por que diabos o palito de fósforo na boca se ele tinha um isqueiro.

— Boa noite, amigos — disse secamente dando dois passos à frente. E esperou.

Depois de alguns acenos de cabeça e alguns *noites* murmurados ele prosseguiu.

— Meu nome é Fox, sou o Matador de Zumbis — disse isso como se o *isso* em questão, resumisse tudo. Mas aparentemente não.

Todos continuaram imóveis e atentos, como se as palavras de Fox não os tivessem atingido. Nenhuma exclamação, nenhuma risada, apenas *i-mó-veis*. É preciso entender que as coisas no cérebro do garoto se moviam devagar. Quase em câmera lenta.

— *Hunf* — fez Fox. Pelo jeito eles não se assustavam facilmente, ou talvez não fossem capazes de entender a coisa toda. De qualquer forma, pareciam

corajosos e destemidos, pelo menos tão corajosos e destemidos quanto um velho sem dentes pode parecer. Talvez até tivesse alguma ajuda. — Certo... então, *Ah*, pessoal. Onde eles estão?

Os presentes novamente se entreolharam sem saber exatamente o que responder. Miller, o padeiro, cuspiu uma massa verde que parecia estar fervendo, pigarreou e voltou a encarar o forasteiro.

— Eles quem?

Fox ficou confuso. Como assim “*eles quem?*” E cadê os gritos, a correria e tudo mais. Não é assim que deveria ser? Isso não fazia parte do plano. O que está acontecendo? Definitivamente isso não está se desenrolado como o esperado. Só nesse momento e depois desses pensamentos é que Fox começou a cogitar a possibilidade de algo estar errado. E ele nem fazia idéia do quanto.

— *A porra dos zumbis, ora* — praguejou. — Onde estão?

Mendes levantou o chapéu e fez uma careta, como quem está prestes a dar um arroto monstruoso. Havia manchas em sua camisa tão velhas quanto à do Santo

Sudário de Turim. Depois de re-engolir o que bailava em sua garganta ele se levantou.

— *Heh*, não tem essas coisas aqui, filho — disse coçando o saco. — Acho que *cê* errou o caminho.

Fox jogou o cigarro fora e acomodou o palito de fósforo do outro lado da boca. Evidentemente algum mal entendido estava se desenrolando ali. Isso estava claro. Fox esperava que pelo menos não fosse um dos grandes.

— Certo. — Respirou fundo temendo a resposta para a pergunta que faria. Franziu o rosto como quem se lembra de ter deixado a carteira na outra calça.

— Aqui, por acaso, não é Val-Paso?

Várias cabeças acenaram negativamente e veemente. Aquilo demonstrava certeza ao mesmo tempo em que deixava evidente que o erro que Foz havia cometido provavelmente era dos grandes. Ele engoli à seco. E repetiu a pergunta:

— Aqui não é Val-Paso?

— Não filho — disse Mendes um pouco encabulado, mas ainda coçando o saco. — Val-Paso fica uns vinte quilômetros acima. Aqui é El Paso.

Fox espremeu o cenho em uma careta azeda e disse:

— Oooh meeerda!

Capítulo 2

Esquizofrenia Blues

Ele saiu do quarto de hotel com o porcaria do macarrão instantâneo pesando em seu estômago, como se tivesse comido as palhas de uma vassoura molhada. Seu nome era Seth e ele achava que estava ficando louco. Só pra conferir Seth pôs a mão no bolso direito do blazer pela décima vez, e pela *porra* da décima vez constatou que *porra* da 44 estava lá, exatamente onde a havia deixado. Carregada, pelo que se lembrava. Então, no milionésimo surto paranóico do dia e, só para constar, ele retirou a *porra* da 44 do bolso do blazer... e girou o tambor para fora. Seis balas. Seis balas benzidas por um padre. Só para conferir. Só para constar.

É por isso, também, que depois de guardar a arma (ele sabe que em dez minutos vai repetir todo o processo paranóico de novo, e de novo...), verificou o bolso esquerdo do blazer só para conferir se as balas estavam no lugar onde as havia deixado. Elas estavam, como sempre. Mesmo assim ele sabe que vai continuar conferindo até a ponta dos dedos estarem esfoladas.

No bolso interno do blazer ele encontrou o vidrinho de remédio. Arrancou a tampa com a boca e a cuspiu fora.

Sem nem contar engoliu as cápsulas restantes e imediatamente sentiu o macarrão instantâneo convulsionar em seu estômago. *Merda!* Seth vai ter uma puta duma azia.

Ele deixou o hotel barato para trás e nos fundos encontrou o Opala, exatamente onde o havia deixado. Os pneus estavam carecas e pintura parecia uma fusão em aquarela de poeira, lama e limo, mas o tanque estava cheio e é isso que importava. Ele entrou e segurou o volante gorduroso entre os dedos que, como sempre, tremiam como o diabo. Ficou olhando a *porra* do crucifixo pendurado no retrovisor, balançando de um lado para o

outro. E se lembrou que não acreditava em mais *porra* nenhuma. E não acreditava em *porra* nenhuma pelo simples fato de que não precisava acreditar em *porra* nenhuma. Ele não acreditava porque ele sabia.

Existe uma puta diferença entre acreditar e saber. E ele sabia. Viu com os seus próprios olhos. Viu as coisas que correriam soltas na noite, devorando os que ainda acreditavam no amor. Naquela época — quando saiu da cidade — quase morto, quando deixou Val-Paso.

Por isso ele não acreditava mais. Mesmo enquanto o crucifixo continuava balançando diante dos seus olhos, como se estivesse discordando. Ele sabia, ele viu e isso bastava. Bastava pelo menos para o que tinha que fazer. É engraçado, sabe? Ele não acreditava em nada disso depois que ouviu falar da *merda* da guerra no céu e de como os demônios passaram para o nosso plano, bem debaixo das barbas de Deus. Irônico, não é mesmo? Era mais ou menos isso, mas Seth não tinha certeza. Os caçadores não sabiam ao certo, ele apenas reagiam. Seth nunca ouvira nada sobre o Homem Cinza.

Assim, Seth arrancou e começou a cortar a linha negra de asfalto pensando que embora tenha visto alguns,

nunca matou um demônio. Não de verdade. Tudo que conseguiu fazer foi acabar com alguns hóspedes.

Pelo retrovisor viu o hotel ficando para trás, junto com, talvez, sua última noite de sono. Sempre poderia ser a última.

Então acendeu um cigarro sabendo que poderia ser o último que ia fumar. Sempre poderia ser o último, mas isso não é sempre assim? Todas as vezes que saímos de casa, bem, pode ser a última. Acreditem em mim, já vi acontecer e Seth também. Isso fez o macarrão instantâneo rolar dentro do seu estômago. *Merda!* E lá foi ele verificar a arma novamente.

Seth parou o carro do outro lado da rua e ficou brincando com o isqueiro de metal escovado. Ele viu a *porra* da mansão despontando por de trás dos muros altos. Do bolso interno do blazer ele retirou um pequeno pedaço de papel com um nome escrito. No papel estava escrito apenas um nome. Um nome num papel. É assim que funciona.

Ele rastreava um hóspede, alguém que fora possuído, contaminado, melhor dizendo. E tentava matar o filho da puta antes que as terminações nervosas das coisas

que cresciam dentro dele estivessem estabelecidas com o cérebro.

O feto demônio, dentro, comandando o cérebro, fazia o hospedeiro transar com meio mundo, contaminando mais e mais pessoas. Mas não é assim que as coisas sempre aconteciam?

O que Seth tentava fazer era chegar ao fulano antes do demônio dentro dele nascer efetivamente, literalmente rasgando e devorando o cara de dentro para fora. Acredite, não é uma coisa bonita de se ver. E antes de mandar o cara para o além, Seth obrigava o desgraçado a escrever o nome das pessoas que havia contaminado. Assim Seth seguia os nomes e matava os outros hospedeiros e assim sucessivamente até o fim dos dias, dos seus dias, pelo menos. Isso pode parecer loucura. Mas é exatamente assim que Seth leva sua vida, quer acredite ou não, exatamente como um personagem de literatura barata reagindo a eventos, sem um plano de longo prazo previamente estabelecido. Existem pessoas com rotinas tão mirabolantes que fariam sua cabeça girar e Seth é uma delas. Seth seguia pelo mundo matando coisas estranhas e tudo baseado em um nome em um pedaço de papel.

Essa era a jogada, entendeu? As regras do jogo eram bem simples. Anjos e demônios podiam jogar com a humanidade, como peças num tabuleiro de xadrez, mas só influenciar, sacou? Mas algo havia mudado as regras do jogo. Seth nunca ouvira falar do Sr. Gray, muito menos da sua interferência nestas regras sagradas. Mas...

Tanto anjos, quanto demônios, não podiam interferir diretamente. Pelo menos era o que costumava acontecer. Mas o que aconteceu? Eles *foderam* tudo! Simples, os demônios descobriram (e não me pergunte como), que poderiam nascer para o nosso mundo, e o parto não era nada bonito. Nada mesmo.

De arma em punho Seth saltou o muro. Haveria seguranças. Ele sabia disso. Só não sabia se queria matá-los. Talvez ainda fossem humanos. E mesmo sendo homens, isso não faria nenhuma diferença. Ainda assim poderiam estar contaminados. Homens ou mulheres, não importava. Demônios não tinham restrições quanto ao sexo dos hospedeiros, a coisa crescia dentro da pessoa, independente de um útero.

De repente, percebeu que não estava sozinho. Ouviu algo bufando na noite. Algo que vinha correndo e

que não estava sozinho. Então vindo apenas como olhos brilhantes no escuro, Seth descobriu que seus problemas eram bem piores.

Três cães saltaram do escuro, quase ao mesmo tempo. Ele disparou sem pensar. Cada disparo seguido de um uivo agudo e doído. O primeiro dobermann rolou no ar, contorcendo-se como um bailarino. O segundo ele acertou antes de saltar. Sua cabeça explodiu deixando apenas um pescoço fumegante no lugar. O terceiro o atingiu em cheio. O disparo brilhou perdido para o alto.

A 44 voou para longe enquanto Seth se atracava com o desgraçado.

Capítulo 3

Val-Paso

Isso aconteceu há muito tempo.

A coisa veio do céu, pousou na terra e correu para o mato. Você prestou bem atenção nessa frase? A coisa veio do céu... não do inferno. Tinha um cheiro de coisa velha, cheiro de coisa podre. O boato correu. Um dos meninos jurava que havia visto a coisa. Balançava os braços, a boca aberta e os olhos esbugalhados:

— É a coisa mais feia! — dizia, e todos ouviram assustados, imaginando como a coisa seria.

Na praça, uma mãe gritava pelo filho. O filho sumiu.

— Meu filho sumiu! — Berrava desesperada.

— Foi a coisa — gritou alguém. Mas que coisa, a coisa pegava os filhos!

Os homens da vila organizaram uma busca, precisavam saber do menino, precisavam caçar a coisa. Diziam que era onça, era “*coisa*” coisa nenhuma.

Saíram armados, fuçando em todos os cantos. Rodaram a cidade de alto a baixo e depois entraram no mato. Alguém avistou a coisa e gritou. Foi atacado, foi terrível. A coisa atacava, a coisa comia gente. Outro gritou e caiu, também fora atacado, também foi terrível. Um grito estava longe do outro. A coisa era veloz, a coisa corria solta no mato, oculta pelas folhas e comia gente. Todos começaram a ouvir um barulho roçando no mato. Agora, a coisa é quem caçava.

— Fugam — gritou um deles, antes de ser comido também. — A coisa tá preta! A coisa come gente!

Alguns fugiram, outros foram pegos no meio do caminho. A coisa era muito veloz. As circunstâncias dos ataques eram sempre iguais. Ouviam o roçar no mato seguido pelos berros das vítimas e o som da coisa comendo carne. Tudo terrível. O cheiro de sangue inundou a floresta, deixando a coisa cada vez mais louca. Alguns

caçadores conseguiram deixar o mato e correram para a cidade, buscando abrigo. Gritavam para que todos ficassem em suas casas e trancassem as portas. Era coisa do demônio, coisa ruim, só podia ser!

A coisa chegou até a cidade, rondando, farejando, nas ruas, nos becos, nas praças. A cidade escondida dentro das casas. Todos rezando, a coisa comia gente, era coisa de doido. Vendo a cidade vazia, deserta, a coisa pensou que a comida havia acabado. Rondou mais um pouco para ter certeza, depois foi embora, sumiu, ninguém nunca mais viu.

Aos poucos a cidade foi voltando ao normal. Todos voltaram às ruas, a noite era cheia de gente e música novamente. Resolveram de comum acordo, esquecer a coisa toda, pois a coisa, não fazia o menor sentido. Isso aconteceu em Val-Paso, há muitos anos.

Capítulo 4

Suzie Q

Seu nome era Susana e ela era absolutamente linda. *Lin-da!* Não de uma maneira óbvia. Não de uma maneira ostensiva, nada disso, ela apenas era linda. Alguns até diriam que ela era vulgar na medida certa, do jeito que poucas mulheres são capazes de ser sem parecem realmente vulgares. Susana era doce, mas não melava, mais para vinho branco e seco. E você não a encontraria em recepções, nem em coquetéis, muito menos em lojas de paredes brancas e quadros que insinuavam nudez abstrata, onde servem bebidas enquanto você faz suas compras. Ao contrário, você a encontraria em lugares onde as pessoas são pessoas e não precisam andar eretas

demais, contidas demais, como se estivessem amarradas a uma tábua. Ela gostava de andar livre, curvando-se para os lados como se possuísse amortecedores. E muitos seriam capazes de jurar diante de um tribunal que sim, ela possuía amortecedores, dos bons, não aqueles sem garantia que logo estouram e precisam ser trocados ou recondicionados. Você a encontraria em bares, trabalhando como garçonne nas horas vagas ou apenas como dançarina nas horas certas. Susana dançava e quando dançava, o resto do mundo parecia parar para apreciar. Era isso e pronto. Era inevitável. Susana dançava e parava o tempo, roubava do tempo, aproveitando como podia, enquanto podia. Isso porque Susana sabia que o tempo era um trapaceiro espertalhão. Isso porque Susana sabia que a morte simplesmente estava passeando por aí, de bobeira e, simplesmente podia tocar no seu ombro, de bobeira, assim como dois estranhos que se esbarram na calçada. Susana encontrou com a morte uma vez e a dama de negro sorria. A morte sempre estava sorrindo, um sorriso líquido, salivante, como sorri alguém que sabe algo que você não sabe.

Do primeiro encontro com a morte Susana levou duas coisas. As cicatrizes e a convicção doída e sólida de que a encontraria de novo. E essa convicção ganhou força assombrosa nos últimos dias com os sonhos que vinha tendo. Os sonhos de Susana não eram sonhos normais. Você não agüentaria os sonhos de Susana. Você sequer agüentaria a possibilidade de sonhar os sonhos de Susana. Em pesadelos, os mortos aparecem. Nos de Susana, a alma dos mortos apareciam. Susana sabia segredos que a própria morte não sabia. Susana sabia como trapacear a morte se quisesse. Uma alma que morreu depois da morte lhe contou como fazer. **Re-Carne**. Mas Susana nem se lembrava. Os sonhos passavam por ela e ela os esquecia de propósito. Susana não queria enlouquecer. Por isso esquecia. Mas algumas coisas ela guardava escondido em uma gaveta lá no fundo da cabeça. Uma gaveta que ela chamava de “*coisas mortas*”. E uma dessas coisas que ela sabia dizia respeito à Val-Paso.

Por isso, hoje, você não a encontraria em bar algum. Susana recolheu o pouco que ganhou nas últimas noites, trançou o rabo de cavalo que ia até os joelhos e roubou um carro do estacionamento. Susana iria fazer o

que precisava ser feito. Susana sempre fazia o que precisava ser feito.

Os sonhos não eram claros, mas além de saber que encontraria a morte de novo, ela sabia o local do encontro. O local fora marcado há muito tempo, apenas a data ficara em aberto. Mas Susana desconfiava que estivesse chegando a hora. Por isso havia roubado o carro, não fora o primeiro e se tivesse sorte não seria o último. Susana estava voltando para casa. Susana estava voltando para Val-Paso.

Capítulo 5

Matador de Zumbis (II)

Acho que estou adiantando um pouco as coisas. Na verdade essa história de matador de zumbis começou no dia em que Fox decidiu finalmente ouvir sua mãe. Ele fora reprovado em todos os testes vocacionais, fora considerado inapto em quase todas as atividades propostas pelos orientadores da Escola Nossa Senhora da Misericórdia e simplesmente não sabia que profissão escolher. Foi, então, que sua mãe lhe disse:

— Feche os olhos, respire profundamente e deixe que o seu coração decida.

E foi o que ele fez. Fox fechou os olhos, respirou profundamente e procurou sondar as vontades de seu coração. Até que foi fácil, depois de dois minutos e meio

de olhos fechados e respirando profundamente, ele sentiu que estava com vontade de jogar vídeo-game. E foi o que ele fez.

Seu jogo preferido consistia em um personagem principal que passeava por uma cidade arruinada e que, armado até os dentes, matava tudo o que aparecesse pela frente. Dois meses depois de lançado, no entanto, o jogo foi proibido. Muita violência, diziam. Cinco meses depois, o mesmo jogo foi lançado com pequenas modificações. Ainda consistia em um personagem principal passeando por uma cidade arruinada e que, armado até os dentes, matava... zumbis. Bastou pintar de verde o rosto dos figurantes que serviam de alvo e o jogo fora liberado. Embora as mãos dos personagens ainda parecessem bem humanas, sem cor verde. O verde no rosto parecia deixar claro que eles não eram mais humanos. Aí tudo bem. Você pode matar zumbis. Eles são feios e cheiram mal e ainda por cima já estão mortos. Então, legal e moralmente, não teria problema algum. Mas humanos não. Humanos ocasionalmente cheiram bem. Não todos, mais alguns sim. Não pega bem matar humanos. Matar humanos gera uma burocracia danada, além de dar muita dor de cabeça. Mas

zumbis, tudo bem. Foi exatamente aí que Fox descobriu o que queria ser: Matador de Zumbis. Fox queria ser um autêntico matador de zumbis, como nos filmes. Faria tudo para realizar o seu sonho. E foi o que ele fez.

Capítulo 6

Esquizofrenia Blues (II)

Seth estava atracado com o cachorro. Os dois rolavam pelo gramado. A saliva quente atingiu seu rosto só pra lembrá-lo da bocarra rumo a sua garganta. Ele ignorou as garras perfurando o peito por sob o blazer e a camisa... pra se concentrar apenas nos olhos furiosos e assassinos. Seth segurou a cabeça do bicho e afundou seus polegares em suas órbitas. Elas explodiram com barulhinhos de *ploc*. Então se levantou, com a cabeça do animal se agitando desesperadamente em suas mãos. O cão ficou arqueado, tentando se livrar do seu aperto. Chorava e berrava quase como um ser humano. Seth aproveitou os movimentos de cabeça e quebrou o pescoço

do animal. O som choco pareceu o de um cano de *PVC* se partindo. Seth acabou caído ao seu lado, exausto e bufando como um touro.

Esse foi o limite para o macarrão instantâneo que explodiu quente, garganta à fora.

Seth se levantou limpando a boca com a manga do blazer, procurando pela arma. Com certeza o barulho alertou os seguranças. Olhou para as janelas escuras da mansão sabendo que isso era um mau presságio. O nome no papel parecia

(janelas escuras)

de alguém importante. Por isso achou que ia encontrar seguranças. Janelas escuras.

(janelas escuras)

Os seguranças não existiam mais.

Ele encontrou a arma e começou a recarregá-la. Levantou a cabeça para as janelas escuras de arma em punho.

(janelas escuras)

Hospedeiros precisam de luz, demônios não. Um hospedeiro até poderia contar com seguranças, caso julgasse necessário. Demônios não.

(janelas escuras)

Para um demônio um segurança seria apenas alimento.

(janelas escuras)

Seth entrou na casa. A porta estava aberta. Imediatamente o cheiro de putrefação o atingiu como um soco. Havia corpos para todos os lados. Alguns sem cabeça, outros parcialmente devorados. Ele subiu as escadas do grande salão de teto alto sabendo que finalmente ia enfrentar um demônio nascido, plenamente formado.

No meio da escada o piso explodiu para cima e ele foi atirado junto. Pedacos de madeira o rasgaram em dois ou três lugares. Antes de atingir o chão, alguma coisa quente e gosmenta se enrolou em sua perna. Era um tentáculo! *Merda!* Era a *porra* de um tentáculo!

A coisa era enorme, mas não pode vê-la. Tudo o que viu foi uma porção de tentáculos gosmentos saindo do rombo feito no piso. Ele disparou para todos os lados feito um louco. O tentáculo balançava fazendo-o atingir os móveis empoeirados.

Uma nuvem de poeira explodia cada vez que seu corpo atingia uma estante. Seth continuou disparando. Pendurado de cabeça para baixo tentava atingir a coisa que se enroscou em sua perna. A porcaria não parava de se mexer e ele acabou explodindo a ponta do próprio pé numa nuvem vermelha de sangue e carne moída e ossos.

Seth gritou.

A coisa o balançava em cima do buraco de onde os tentáculos estavam saindo. Ainda de cabeça para baixo ele abriu o tambor do revolver e as cápsulas vazias das balas caíram para o buraco escuro. Começou, então, a recarregar a arma e, tremendo, deixou uma porção de balas caírem.

No buraco escuro Seth viu uns vinte olhos amarelos, riscados como os de gatos e em vários tamanhos diferentes. Os olhos começam a se afastar uns dos outros e ele pensou que estava perdendo o foco, como se fosse desmaiar. Mas o que acontecia é que a coisa de vinte olhos de gato estava abrindo a boca. Seth viu os dentes amarelados brilhando a luz da lua que vazava pelas janelas. A boca ficava no centro da coisa, com olhos brilhando abaixo e acima da fenda dentada. O tentáculo

em seu pé soltou seu abraço e ele começou a cair em direção àquela boca dos infernos!

Seth se fechou em posição de feto antes de chegar aos lábios escamosos. Sentiu o cheiro quente e oleoso do revolver bem próximo ao meu rosto.

A coisa tentou cravar os dentes quando passou, mas ele foi mais esperto, descendo inteiro por sua garganta. Dentro do tubo gosmento e fedido começou a recitar algumas passagens do ***Ritual Romano*** de exorcismo, enquanto disparava para todos os lados, torcendo para acertar o cérebro da coisa, ou algo igualmente vital.

Houve um brilho quando o disparo aconteceu e depois tudo voltou a ser escuro.

Luz!

Escuridão!

Luz!

Escuridão!

Luz!

Escuridão! Como uma piada dos infernos. Seth ruiu alto dentro da boca do demônio.

Depois de uma contorcida final Seth percebeu que o demônio morreu. Ficou surpreso, embora soubesse que ele podia ser morto. Ele havia nascido, então, podia ser morto. A boca aberta deixava a luz entrar pelos dentes de estalactites.

Quando saiu rastejando do buraco no assoalho, percebeu que suas roupas fediam a vômito. Nuvens de vapor se despendiam delas e de seu cabelo. Os dedos de um dos pés foram embora, deixando uma pasta sangrenta no lugar.

Seth olhou para a coisa gosmenta escorrendo sobre seu corpo, misturando-se ao seu sangue e torceu para não pegar uma doença. Abriu os dedos e fios de uma baba grossa e esverdeada estenderam-se como uma teia de aranha. Estava coberto por aquela gosma. Levou a mão até o nariz e cheirou aquilo com nojo. Fez uma careta e afastou a mão.

Ficou sentado com o revólver descarregado entre as pernas, pensando em como ia dar trabalho chegar até o carro. Antes, porém, precisava pôr fogo na casa antes que a polícia chegasse. Precisava contar com isso. Algum vizinho abelhudo poderia ter ouvido os disparos e os

gritos. O fogo, no entanto, purificaria tudo. O Fogo levaria o demônio de volta para o inferno. Ia dar trabalho, mas tudo bem. Ele estava vivo e achava que isso transformava a noite num sucesso. Seth era um cara que se contentava com pouco.

Capítulo 7

Val-Paso (II)

Val-Paso é uma cidade pequena mal acomodada bem no meio de lugar nenhum — assim como as cidades pequenas costumam ser — assim como suas irmãs cidadezinhas vizinhas, todas apertadinhas em uma confusão confortável (eu disse que você ia entender essa parte sobre confusão depois, não falei?). Pois bem, Val-Paso seria um ótimo lugar para se morar se não fossem e pelos demônios. O que não quer dizer muito, pois em minha modesta opinião qualquer lugar do mundo seria ótimo para se morar se não fossem pelos demônios. Aliás, se não fossem por eles, ainda estaríamos todos no paraíso. Não é? Será? Acho que para o bem dessa história é melhor pensarmos que sim e, ora, eu não sou nenhum especialista

no assunto, mas tenho a impressão que demônios não dariam bons companheiros de quarto. Ouso dizer que até devem transmitir doenças. E além do mais, eles são estranhos e fazem coisas estranhas, exatamente como aqueles caras que se sentam sozinhos na escola. Ficam lá num canto e não interagem, não participam. Estranhos e solitários, na verdade, como todos nós.

Por falar em coisas estranhas, coisas muito estranhas costumavam acontecer em Val-Paso, que diferente de sua vizinha, El Paso, possui noites de sextas-feiras animadas demais. Havia muita gente em Val-Paso transando como coelhos. Não que isso fosse estranho. Agora mesmo, por exemplo, deve ter alguém transando em algum lugar do mundo. Assim como em algum lugar do mundo alguém deve estar abrindo uma Coca-Cola ou uma fadinha deve estar ganhando suas asas, essas coisas acontecem todo dias, toda hora, mesmo que você não pense nisso. E isso é normal. Mas em Val-Paso, isso estava acontecendo além do normal. Muito, muito além do normal. Pra dizer a verdade, o normal estava à milhas e milhas de distância de Val-Paso. Pra você ter uma idéia do quanto, até o cara estranho que sentava sozinho lá no

fundo da sala estava transando como um coelho. Entendeu o quanto? Estou falando sério.

Pra você entender bem o que estou dizendo aqui vai outra informação. Val-Paso conta atualmente com seis mil e quinhentos moradores, dos quais, talvez, menos da metade ainda possa ser chamada de completamente humana. Sem ofensa.

Capítulo 8

Suzie Q (II)

Susana parou o Maverick roubado diante da loja de ferragens Irmãos Agostinhos LTDA no início da madrugada. A loja estava fechada, evidentemente e, evidentemente isso não importava para Susana. Susana não se importava com as horas. Ela desceu do carro e encarou as grandes vitrines com lava-jatos, serras elétricas e material de marcenaria. Olhou em volta procurando uma chave. Por chave, entenda algo com o que quebrar a vitrine. Caminhou até a traseira do carro rebolando sem perceber que o fazia, como quase sempre elas fazem. Depois abriu o porta-malas procurando algo que servisse de chave para a loja. Assim que levantou a tampa, fechou

o cenho diante do volumoso conteúdo dentro da mala do carro. Isso não era esperado. Algo estava ali, enrolado em um cobertor velho e esfarrapado. Algo que estava... vivo? Bem, Susana já teve experiências suficientes para saber que só porque algo está se mexendo não significa necessariamente que esse algo esteja vivo.

— Bosta! — Praguejou fechando o porta-malas, desejando ter roubado outro carro. Mas agora era tarde demais para se lamentar. Teria que lidar com isso depois. Talvez até tivesse sonhado com isso. Não se lembrava, mas também não se importava.

Voltou a olhar para os lados. Um problema de cada vez, Susana era uma moça prática, afinal. Uma coisa de cada vez, cada qual em sua hora. Caminhou até o outro lado da rua e entrou em um beco estreito formado por uma padaria e um salão de beleza. Estava escuro, mas ela não estava nem aí. Na curva final do beco, ao lado da porta dos fundos da padaria, encontrou um balde de metal com um escovão dentro. Acendeu um cigarro mentolado, jogou o escovão fora e encheu o balde com água em uma torneira que brotava da parede. Atravessou a rua novamente um pouco arqueada em função do peso do balde, ainda

rebolando sem perceber. Quando estava diante da vitrine novamente mordeu o cigarro e segurou a alça do balde com ambas as mãos. Virou-se de costas para o vidro e balançou o corpo numa curva lenta, porém firme. Girou num pé só, lascando o salto alto e fino da bota preta. Quando estava de frente para o vidro novamente abriu as mãos com os braços esticados. O balde sumiu no escuro da loja, deixando uma chuva de cacos de vidro para trás. Susana sorriu. Ela gostava de quebrar coisas. Então, entrou pelo buraco no vidro e caminhou no escuro entre os corredores de mercadoria para o fundo da loja. Sabia que era lá que os Irmãos Agostinhos LTDA guardavam o tipo de mercadoria que não deveria ficar exposta. O tipo de mercadoria que ela gostava.

Do lado de fora da loja um padeiro sonolento acendeu a luz de seu quarto logo acima da padaria. Havia acordado com o barulho. Viu a vitrine quebrada e antes que pudesse pensar em fazer alguma coisa ouviu um barulho que parecia muito com o de uma serra elétrica cortando metal. Isso aguçou sua curiosidade. Tanto que decidiu olhar mais um pouco antes de ligar para a polícia. Meio minuto depois, Susana saiu pelo buraco no vidro

segurando duas grandes bolsas verdes de lona. Ela as colocou no banco de trás do Maverick. Então reparou na luz vinda da janela do padeiro.

— Ô você? — Gritou o homem, — o que pensa que está fazendo?

Susana levantou uma sobrancelha e deu uma longa tragada no cigarro mentolado segurando-o entre o polegar e o indicador. Tragou com tanta força que chegou a espremer um dos olhos. Soltou a fumaça devagar, saboreando a nuvem agri-doce. Lambeu os lábios e sorriu para o homem na janela. Soube que esta noite mesmo, ele sonharia com ela. Piscou para ele com uma cara diabólica. Depois atirou o cigarro com um peteleco ligeiro do indicador para dentro da loja e, antes de estar completamente sentada diante do volante do Maverick, a loja já brilhava mais que o sol. O Padeiro sonolento cobriu o rosto, assustado com a explosão. Quando olhou novamente a moça de preto e braços tatuados, já estava manobrando para longe dali. Susana sentiu a adrenalina boa e velha ardendo nas veias. Geralmente era o que acontecia com quem tinha um encontro marcado com velha dama de negro.

Capítulo 9

Matador de Zumbis (III)

Fox conheceu Jamal pela internet. Ambos tinham algo em comum. Ambos andavam pesquisando muito sobre zumbis. Foi Jamal que encontrou a solução para os problemas da futura carreira profissional de Fox. Jamal estava se tornando seu escudeiro, seu “*assessor para assuntos aleatórios*”. O que era um salto profissional, já que na oficina mecânica do pai, Jamal era apenas o “*assessor de porra nenhuma*”.

Jamal havia encontrado, na internet mesmo, um anúncio de um tal Papa-Lulu, que alardeava estar vendendo zumbis em até três vezes no cartão de crédito. A avó de Jamal nascera no Haiti e isso era tudo que Jamal *tinha/sabia* em relação ao Haiti, vodu ou zumbis. Então,

talvez fosse possível alguém estar *fabricando/vendendo* zumbis no fundo de casa, mesmo alguém chamado Papa-Lulu. Lulu?

Fox por outro lado, mais prático e, na mesma medida, mais desmiolado e imbecil, não se importou nenhum pouco com a questão. Basta dizer que — assim como este que vos escreve —, os dois eram *subproduto de rock*, filhos bastardos de escolas públicas. Ou seja, eles abraçaram a única cultura que o governo e os *intelectualóides* vomitadores de tendências haviam lhedado e nada mais precisa ser dito sobre isso. Para Fox, o simples fato de haver a palavra zumbi aparecendo no referido anúncio já bastava para checá-lo. E foi o que ele fez. Em um sábado depois do almoço (já que Jamal trabalhava na oficina mecânica do pai até o meio-dia), os dois seguiram para o endereço indicado no anúncio.

O lugar, bem afastado da cidade, parecia mais um lixão. Carcaças de uma variedade infindável de automóveis cercavam um barracão velho de madeira. Havia mato por todos os lados. E muitos, muitos vira-latas rondando à esmo pelo terreno.

Foz estacionou próximo ao barracão e tocou a buzina. Ambos permaneceram dentro do carro, olhando assustados para os vira-latas que circundavam — curiosos —, o veículo. Segundos depois um negro velho, magro, alto e careca saiu do barracão fumando um cachinho de aspecto artesanal. Por artesanal, nesse caso, entenda como *fuleiro*.

Fox acenou timidamente, Jamal olhava assustado e o velho sorria como um vendedor de carros usados.

— Vem — disse ele, — os *cão* não *mordi*!

Minutos depois os três estavam dentro do barracão, que parecia muito menor do lado de dentro. O cheiro de poeira misturado ao de madeira podre era atordoante. O local era parcamente iluminado por velas coloridas e que fediam mais que o próprio barracão. Estavam sentados em cadeiras de palha e podiam ver apenas uma mesa tosca de trabalho atulhada de papeis e mais velas. O restante do lugar era um emaranhado de sombras e silhuetas. Algo que lembrava uma estante despontava de um lado, assim como pilhas de caixas cobertas por trapos, ou assim pareciam.

Papa-Lulu reacendeu o cachimbo com um isqueiro de plástico amarelo e tragou longamente.

— Então *cês qué um mortolho...* hum... e pra *modi'quê?*

Fox pigarreou e tentou parecer tão solene quanto possível. Até parece.

— *Hum*, nós queremos, pelo menos pretendemos ser, caçadores de *mortos-vivos*, mas pra isso precisamos, bem, treinar.

O velho Papa-Lulu riu baixinho. Jamal ouviu a risada e pensou em cacos de vidro sendo esmagados sob uma bota de ferro.

— Assim *cês vão falhá antis mesmu di começá*.

Papa-Lulu explicou que *mortolhos* não davam em árvores (seria engraçado caso dessem, mas não davam) e que ninguém criava *mortolhos* para serem mortos depois.

“O governo fez um monte deles uma vez, mas foi sem querer, e deu muito trabalho pra acabar com aqueles, então eles simplesmente decidiram parar de *bulir* com aquilo. Papa-Lulu disse também que soube de uma vez em que um negócio brilhante caiu do céu e fez um monte de gente virar *mortolho*, quase uma cidade inteira, mas isso foi há muito tempo e provavelmente os *miolos* dos

mortolhos já deviam ter virado pó. Os miolos sim, mas as almas dos *mortolhos*, não.”

Depois de toda a falação Fox ficou decepcionado, pensando que talvez sua carreira acabasse antes mesmo de começar. Foi exatamente nesse momento que os olhos de Papa-Lulu brilharam fantasmagoricamente e seu sorriso dobrou de tamanho. Então ele disse:

— Mas *ieu veju qui o cês qué* muito isso, *diforma qui ieu posso ajudá*.

— Como? — perguntou Fox todo esperançoso. Enquanto Jamal apenas engoliu à seco. Jamal estava com medo.

Jamal vivia com medo. Medo do pai, da professoras, dos idiotas da escola.

Antes de responder Papa-Lulu bateu o cachimbo contra a mesa para limpá-lo. Reabasteceu o compartimento de fumo com uma palha granulada que retirou do bolso da camisa e depois o acendeu. A fumaça parecia mais forte e densa do que a anterior.

Aquela fumaça era estranha, com um aroma estranho e Jamal não pode deixar de pensar que talvez estivessem sendo hipnotizados.

— *Hummmm* — fez Papa-Lulu, por fim. — *A genti podi fazê um acordu...* — e seu sorriso cresceu tanto que Jamal achou que a pele curtida do preto-velho fosse arrebentar.

Capítulo 10

Esquizofrenia Blues (III)

Seth atravessou a farmácia deixando um rastro de sangue por onde passava. Estava com febre e estava preste a apagar. Precisava apagar. Queria apagar, mas não tinha dinheiro e não queria acordar com o pé podre. Parou no caixa e despejou das mãos em concha um punhado de analgésicos, antiinflamatórios e seu remedinho especial. O remédio pra cabeça. O atendente magrelo e espinhento engoliu à seco, evitando o máximo possível, o *olho no olho*. Seth suava, tremia em espasmos duros e não ritmados. Ele sabia que o garoto atrás do balcão iria dizer, embora seus pensamentos não fossem muito claros no momento. Ele provavelmente diria algo sobre prescrição

médica ou algo do tipo. O garoto abriu a boca, mas antes que pudesse efetivamente falar, Seth levantou o indicador, deixando-o na vertical diante do rosto do garoto, como quem dá um aviso. O dedo oscilava pra lá e pra cá. Seth parecia estar bêbado, mas não estava. Queria estar, precisava estar, mas não estava. Seus olhos ficaram vidrados por um momento, depois voltaram a focalizar o atendente magrelo. Seth estava prestes a entrar em colapso. Havia sido atingido por um branco total, mas ao menos momentâneo. No entanto, não se lembrava se já havia falado o que pretendia dizer ao atendente ou não. De qualquer forma isso não importava agora. Diria de novo, caso já tivesse dito, ou então diria pela primeira vez, caso não tivesse dito. Ou algo confuso assim. Abriu a boca para falar e achou que fosse vomitar. Fechou os dentes e respirou fundo. Tudo numa eternidade ilusória, pois a coisa toda em tempo real, ou seja, em tempo *fora-da-cabeça-de-Seth* estava acontecendo em segundos. Bem, sem falar então. Isto posto, percebeu que o indicador ainda pairava no ar, no mesmo lugar em que o havia deixado antes do branco total, junto com a mão e o braço. Manteve o indicador esticado, mas moveu a mão e com a ponta do

indicador levantou um pouco o blazer revelando a arma alojada entre o corpo e a calça. Depois levou o indicador para o lugar onde estava parado antes. Teve certeza que se fez entender ao ver que o garoto ficou mais branco que o seu avental. Levantou as sobrancelhas para o garoto que não entendeu essa parte. Ergueu de novo e apontou com a cabeça para os remédios no balcão, mas o garoto também não entendeu essa parte. Certo, ia ter que falar. Revirou os olhos como quem está perdendo a paciência e depois respirou fundo.

— Você teria — pigarreou, — uma sacolinha, por favor?

O garoto fez que sim com a cabeça e retirou uma sacola plástica de uma gaveta. Rapidamente empurrou todos os remédios que escorregaram para dentro da sacola e em seguida entregou-a a Seth.

— Obrigado — disse Seth com uma carreta de dor. Depois seguiu para o carro, deixando atrás de si um rastro de sangue.

Dirigiu o quanto pode. Quando estava prestes a apagar, manobrou para uma estrada secundária e estacionou embaixo de uma árvore estranha. Em seguida

abriu todos os remédios pegando três comprimidos de cada frasco e engolindo todos à seco. Teve que mastigar alguns para conseguir engoli-los. Bom, agora poderia apagar. Seth sorriu, apesar da dor, e dormiu. E isso foi um erro.

Capítulo 11

Val-Paso (III)

Ao contrário do que as pessoas de Val-Paso pensaram no início, a coisa não havia ido embora. Aliás, essas coisas nunca vão embora, elas ficam incubadas esperando que você se sinta bem, alegre, feliz, então elas reaparecem e pegam você. A coisa que havia chegado a Val-Paso por acaso, decidira que ali era um bom lugar para ficar incubada. Mas depois dos primeiros ataques as pessoas estavam escondidas. A coisa também precisava se esconder, caso quisesse ficar por ali. Só assim as pessoas voltariam a sair de suas casas. Só assim as pessoas voltariam a sair durante a noite. Só assim teria alimento. Isto estava claro agora. Antes não estava. Antes, quando a

coisa abriu os olhos e viu aquele... lugar? Aquela... realidade? Não sabia o nome, nem a palavra. Mas não importa o nome. Tudo era estranho no *existir-ali* e não havia razão ou sentido em nada. Havia apenas a fome. E a fome precisou ser saciada. E a fome foi saciada. No entanto, agora que a coisa *sentia/via/entendia* como todas as coisas *andavam/seguiam/aconteciam* naquele *existir-ali*, ela soube o que fazer.

A coisa se escondeu no único lugar em que sabia ser possível se esconder totalmente. Era um lugar excelente, pois as pessoas nunca olhavam ali. Elas só olhavam para fora, para longe.

A coisa, então, se escondeu dentro das pessoas. E a coisa descobriu que dentro das pessoas ela poderia se reproduzir, usando as próprias pessoas como fonte de alimento. E havia proteção. As pessoas seriam como uma concha, como um casulo vivo. A coisa ainda não conhecia a palavra *hospedeiro*, mas isso não importava. Nomes não importavam para a coisa. E mais, depois de um tempo, a coisa descobriu que podia controlar as pessoas. Batava se enraizar dentro de suas cabeças. A coisa não conhecia a palavra *cérebro*, muito menos a expressão *terminações*

nervosas, mas nomes não importavam para coisa. Desde que pudesse existir, se alimentar e se reproduzir, as coisas não se importavam com mais nada. Pelo menos por hora.

Capítulo 12

Suzie Q (III)

Susana parou o carro no acostamento. Esperou alguns momentos para ter certeza de que a estrada estava deserta, só então saiu do carro e foi para o porta-malas rebolando inconscientemente. Depois tirou a calcinha da bunda e acendeu um cigarro mentolado. Abriu o porta-malas e sacou a 9 mm que pegara junto com outras coisinhas na antiga loja de ferragens Irmãos Agostinhos LTDA.

— Muito bem — disse para a coisa enrolada no cobertor. — Normalmente eu atiro primeiro e pergunto depois, mas as coisas ainda estão calmas por aqui. Então vou te dar o benefício da dúvida.

Susana percebeu que a coisa se mexeu reagindo ao som de sua voz. Até aí tudo bem, mas o movimento não indicava entendimento. Não necessariamente. Pois bem, abordagem mais direta então, algo que o pai de Susana chamava em bom francês de *cutucão*, ou ainda *peteleco*. O pai de Susana não foi o cara mais legal do mundo, mas ele sabia falar com as pessoas. Sabia como conseguir o que queria. Com a ponta da arma Susana deu duas estocadas no que parecia ser o traseiro da coisa. Isso provocou mais movimento e um gemido azedo.

— Vai, não seja tímido... — Susana pensou um pouco. — Ou tímida...?

Susana não queria desenrolar o cobertor. Não mesmo. Isso não seria uma boa idéia. Não depois dos sonhos que estava tendo. Você pode até pensar que ela estava com medo e devo lhe dizer que você está absolutamente certo. É claro que ela estava com medo. Afinal, Susana sabia das coisas, ela já viu as coisas. Só um idiota não temeria as coisas e Susana não era idiota.

— Mas que merda! — gritou apertando o cigarro nos dentes e apontando para a coisa enrolada no lençol, segurando a arma com as duas mãos.

BAM!

BAM!

Dois tiros. A coisa mexeu um pouco, gemeu um pouco e depois parou. Nada de sangue. Havia um cheiro estranho, mas podia ser do lençol. Não importava, por hora a coisa ficaria assim. Não sabia bem dizer o porquê, mas sabia que precisava chegar o quanto antes à Val-Paso. Não entendia de todo os sonhos, mas fazia o que precisava fazer. Simples assim. A vida já era complicada o bastante. Manter as coisas simples, mesmo em meio ao absurdo que sabia existir no mundo, era sua maneira favorita de agir. A coisa viva ou morta, ou *morta-viva* no porta-malas teria que esperar.

— Não tenho tempo pra essa merda! — praguejou jogando o cigarro fora. — E acho que preciso arrumar outro carro.

Susana fechou o porta-malas e voltou rebolando para o carro. Jogou a arma no banco do carona e pensou que talvez as coisas acontecessem por um motivo. Talvez aquele carro estivesse a sua espera naquele estacionamento. Talvez tenha sonhado com o carro. Talvez o carro fosse um elo em uma corrente. Talvez essa

corrente a ligasse a pessoas e eventos que precisavam acontecer. Fechou os olhos e pensou nos últimos sonhos. Não sabia, não se lembrava direito. *Foda-se*. Pensaria nisso depois e depois era depois.

Capítulo 13

Matador de Zumbis (IV)

O trato proposto por Papa-Lulu era estranho e bem absurdo, mas ao mesmo tempo parecia ser a única via para realização profissional de Fox e Jamal como matadores de zumbis. Talvez eles estivessem hipnotizados, ou talvez fossem apenas idiotas mesmo.

Depois que os dois concordaram, Papa-Lulu os conduziu até os fundos do barracão. Papa-Lulu segurava uma vela marrom e está era a única luz que tinham ali naquele labirinto de tralhas empoeiradas. Quando não havia mais para onde ir, Papa-Lulu empurrou a parede e ela simplesmente se moveu ao seu toque como papel. Jamal, ao ser tocado assim pelo irreal, pensou que fosse vomitar. Estava tonto e não podia acreditar no que estava

vendo. Os olhos de Fox brilharam, mas também sentiu tontura e também pensou que fosse vomitar. Uma parede, afinal, era uma parede. Só quando chegaram mais perto é que os dois perceberam que se tratava de uma lona pendurada como uma cortina, não uma parede. Exatamente por isso o barracão parecia menor do lado de dentro. A lona era um truque, realmente dava a impressão de ser uma parede e de que o barracão acabava ali. Fox pensou que aquele era realmente um bom esconderijo. Papa-Lulu era ardiloso. Um velho fazedor de zumbis ardiloso. O preto velho segurou a lona levantada para que os dois passassem para o outro lado. Jamal sentiu as pernas duras de medo. Fox caminhou primeiro apreensivo, depois entusiasmado. Ambos estavam com medo. Estava escuro do outro lado. Papa-Lulu segurava a lona com uma mão e com a outra a vela, mas a pequena chama não era o bastante. A escuridão dentro do barracão parecia absorver a luz. O velho fez um aceno, convidando os dois a se aproximarem mais. Fox seguiu adiante e Jamal ficou indeciso por um momento. Por fim, seguiu o companheiro. Fox foi o primeiro. Abaixou a cabeça e passou por baixo do braço de Papa-Lulu. Depois desapareceu na escuridão.

Jamal respirou fundo, sabendo profundamente que iria se arrepender. No entanto, tudo parecia irresistível. Talvez estivessem mesmo hipnotizados. Por fim, atravessou. Do outro lado da lona havia uma jaula. E dentro da jaula, havia um zumbi.

Capítulo 14

Esquizofrenia Blues (IV)

Seth abriu os olhos para o foro branco iluminado por uma fluorescente fantasmagórica e por um segundo tudo estava bem. Apenas por um segundo. Estava em uma cama macia, e isso era bom, mas não tinha certeza se deveria estar ali. Não mesmo. Definitivamente não. Vagamente começou a se lembrar de que estava dormindo no carro, na noite anterior. Era óbvio que não estava mais no carro.

— *Merda!* — sussurrou apertando os dentes de ódio e rolou para debaixo da cama. Bateu fortemente contra o piso com cheiro de pinho. Seus olhos vasculharam rapidamente o ambiente. Estava sozinho o

que era bom. Estava num quarto de hospital, o que era mais ou menos. Olhou para o pé ferido e havia um curativo muito bem feito ali. Isso era bom. Já a porta do quarto, fechada como estava, não era uma coisa boa. Não mesmo. Definitivamente não. Provavelmente isso significava que havia um policial lá fora. E definitivamente isso transformaria o seu dia num belo pedaço fumegante de bosta.

A cabeça doía muito e as coisas ainda não haviam entrado totalmente em foco. Respirou fundo tentando por os pensamentos em ordem. Certo. Não tão certo, mas já era alguma coisa. Bom, pra começar um policial devia ter passado. Os policiais tinham essa mania de sempre estarem passando por algum lugar. Isso fazia parte da existência assim como novelas mexicanas e mulheres que insistem em fazer *permanente*. O policial que estava apenas passando, provavelmente viu o carro e parou, munido das melhores intenções do universo, para verificar se o motorista precisava de alguma ajuda. Policiais também fazem isso às vezes, embora muita gente não acredite. Contudo, o que o policial encontra é um cara desacordado, ferido e armado, com vários remédios

pesados abertos e espalhados no colo. Seth tentou visualizar a cena e teve certeza que devia estar babando. Provavelmente. Tudo bem. Não tão bem, mas já era alguma coisa. Acordou sozinho, acordou na hora certa. Então tudo o que precisava fazer era sair do hospital o quanto antes, e sem ser visto. Talvez encontrar suas roupas. Isso seria bom. Talvez encontrar sua arma, isso seria melhor ainda. Talvez encontrar sua suas roupas, sua arma e seu carro, isso sim seria... excelente, ou quem sabe, na verdade ele poderia simplesmente atravessar a parede como um fantasma e no meio do caminho promover a paz mundial com a pura força maravilhosa do pensamento positivo, mas Seth achou que não seria capaz de algo assim. Não, ele não podia. Que pena.

Seth respirou fundo novamente e rastejou até uma cômoda no outro lado do quarto. Abriu todas as gavetas, uma a uma, silenciosamente. Em uma delas encontrou seu isqueiro de metal escovado e algumas moedas (Seth não possuía carteira, muito menos documentos), no entanto, suas roupas não estavam ali. Isso significava que com certeza havia um policial de guarda na porta. Certo, nada de pânico. Hora de ficar de pé e dar o fora dali.

Seth ficou de pé e foi até a janela. Deus, como queria um cigarro. Levantou a cortina de algodão e viu uma estrutura de madeira pintada de branco que pareciam grades. Pareciam. O sol brilhava lá fora e a luz feriu seus olhos. Sentiu que uma dor de cabeça daquelas estava despontado lá no fundo do crânio. Segundo andar. Estacionamento lá em baixo. Madeira no lugar de grades. Pareciam grades, mas não eram. *Foda-se! Merda! Foda-se!*

Seth voltou até a cama e deu mais uma olhada para o quarto, apenas para ter certeza que suas roupas não estavam por li. Achava que não, mas *foda-se!* Seth nunca foi famoso por sua paciência. E pessoas que acabam passando pelo tipo de coisas que Seth já passou e vendo o tipo de coisas que Seth já viu, não são famosas por tolerar pequenos entraves sociais ou cotidianos.

— Ah — gemeu para o quarto vazio. — Que se foda!

Correu para a janela e saltou de lado, deixando que seu ombro atingisse o vidro e a madeira pintada de branco que parecia com grades. O barulho foi menor do que ele havia esperado. A queda, por outro lado, foi maior do que

ele havia pensado. Atingiu o capô de uma Mercedes e rolou até o chão. O alarme do carro disparou. A coisa parecia estar soando dentro da cabeça de Seth.

— Caralho — gemeu.

Sem se permitir sentir mais dor, rolou para debaixo do carro seguinte até sair do outro lado. Encostou a testa no chão, fechou os olhos e respirou profundamente. Sabia que não poderia perder muito tempo, mas seu corpo estava protestando. Respirou fundo novamente e abriu os olhos. Esse tipo de vida ainda iria matá-lo.

Seth levantou e começou a caminhar calmamente para o portão. Segurava o ombro direito com a mão esquerda. Estava doendo pra burro. Poderia correr, mas que se *foda*! Estava com fome, estava cansado e estava com dor. O policial talvez tivesse ouvido o barulho, talvez até estivesse na janela de arma em punho, mas... *Foda-se*! Seth estava usando uma camisola hospitalar e com uma puta duma dor de cabeça. Passou pelo portão, seguindo rua abaixo, pensando que ia sentir saudades daquele carro.

Capítulo 15

Val-Paso (IV)

Em Val-Paso a coisa continuava escondida dentro das pessoas. De uma pessoa no início, pelo menos. Mas a coisa obrigou essa primeira pessoa a fazer sexo com um monte de outras pessoas e agora havia coisas em várias pessoas. Várias. Mas por algum motivo oculto e inefável, as coisas estavam quietas ultimamente, como se estivesse esperando alguma coisa.

Simon chegou à Val-Paso naquela noite. Andou pelas ruas com as mãos nos bolsos. As ruas estavam escuras e as pessoas estavam escondidas, em sua maioria fazendo os que as coisas mandavam. Simon parecia triste, cabisbaixo. Ele sabia o que estava acontecendo na cidade e

tinha uma vaga idéia do que aconteceria depois. Ele não podia se envolver. Anjos não tinham permissão para se envolverem.

Simon sabia o que as coisas que Seth achavam que eram demônios estavam fazendo. De certa forma, eram demônios. Sim, existem vários e nem todos vêm do inferno ou deste universo. No entanto, Simon não tinha papel ativo nessa trama. Pelo menos por enquanto, afinal Ambrosi ainda não estava pronto para encontrá-lo. Sabia que situação estava se desenrolando e que o resultado não prometia ser dos melhores. Principalmente para o seu time. O time do bem. Que pena. Simon respirou profundamente, abriu as longas asas brancas e partiu. Então, o emissário do Homem de Cinza saiu das sombras. O anjo não o havia visto. O emissário do Homem de Cinza estava esperando. Apenas esperando.

Capítulo 16

Suzie Q (IV)

Depois continuava sendo depois e por isso Susana não pensou mais na coisa enrolada no lençol, trancada no porta-malas. Seguia para Val-Paso e por hora isso era tudo o que importava. Não sabia por que, mas sabia que assim deveria ser. Susana já estava acostumada a lidar com essas sensações que a assaltavam de vez em quando. Para ela estava tudo certo em acordar às três da manhã, arrumar um carro e seguir para algum lugar para fazer alguma coisa, simplesmente porque parecia ser a coisa certa a se fazer. Simplesmente porque sabia que devia fazer alguma coisa, mesmo não sabendo ao certo o quê.

Susana ouviu um barulho vindo da traseira do carro e isso a tirou de seus pensamentos. Por um momento chegou a pensar que um pneu havia furado. Até soltou as mãos do volante para ver se o carro guinava para um lado ou outro. Só então se lembrou da coisa enrolada no lençol. De certa forma isso resolvia a questão. Pelo menos, parte dela. Pois agora sabia que a coisa enrolada no lençol era de fato uma coisa. Estava, bem, *morta-viva*. Agora só precisava saber o que fazer com ela. E foi justamente nesse momento em que ela ouviu o som de uma sirene.

— Puta merda! — Explodiu Susana, olhando para o velocímetro. Nunca fora famosa por ter um pé leve. *Foda-se*. Pisou no freio com todo o seu *girl-power* segurando o volante com força. Os pneus gritaram em protesto e ela trancou os dentes esperando a pancada. O carro da polícia entrou com tudo na traseira do Maverick e Susana sorriu com o coice, jurando ter ouvido o policial xingar a sua mãe. Em seguida ela reduziu a marcha e colocou o pé no acelerador. O Maverick rangeu como se fosse desmontar, rabeou cantando os pneus e adiantou-se bruscamente, levando junto o pára-choque dianteiro do carro da polícia. Pelo retrovisor Susana viu a viatura

atravessada na pista, cantando os pneus para recomeçar a perseguirão. Ela sorriu. O coração batia no peito como se fosse explodir e uma eletricidade quase sexual percorria todo seu corpo, levantando todos, eu disse: todos os pelos de seu corpo. E ela não conseguia parar de sorrir.

— Vem neném — disse para o espelho retrovisor.
— Vem pra mamãe.

O Maverick era uma bosta e em questão de segundos o carro da polícia a alcançou. Primeiro ficando atrás, depois emparelhando com ela. Susana não estava mais preocupada com a coisa enrolada no lençol, presa no porta-malas, muito menos com Val-Paso, muito menos com os usos pacíficos para a energia nuclear, nem com *porra* nenhuma. Susana estava se divertindo como há muito não fazia. Ela pisou no freio e manteve o carro reto. Os pneus gritaram em êxtase e o carro da polícia seguiu enquanto Susana ficou para trás. Novamente ela reduziu a marcha e pisou no acelerador com toda sua força. O policial, por puro instinto, também pisou no freio, imaginando que a intenção de Susana fosse fugir ficando para trás. Enquanto freiava, ele virou o volante para retornar, fazendo o carro ficar atravessado na pista. Mas

Susana não era de fugir. E o policial soube disso quando viu que ela vinha com tudo em sua direção. O Maverick atingiu o carro da polícia com mais de cem por hora no marcador e o levou de arrasto por vários metros. O policial estava em pânico. Um grito mudo para Susana, que apenas ouvia o som de metal se rasgando e dos pneus berrando. Ele por outro lado viu o rosto da moça ensandecida. As sobrancelhas apontadas para baixo lhe davam um ar diabólico, igual ao Pato Donald quando fazia diabruras. Quando seus olhos se encontraram ela lambeu os beiços carnudos e mandou um beijinho para ele.

Ele fez uma careta de confusão, mas sem desfazer a expressão de pânico. Tinha uma mão no volante e a outra segurava o painel, como se estivesse esperando o carro capotar. Susana riu mais, achando tudo cômico. Às vezes Susana simplesmente não sabia brincar. Era uma dessas moças que pegava pesado, especialmente quando queria pegar pesado.

De repente ela guinou o volante e os dois carros meio que derraparam à toda para o acostamento. A virada fez com que o carro da polícia ficasse voltado para a direção de onde estavam vindo, enquanto o Maverick

ficou meio de lado na pista, ainda deslizando a borracha quente contra o asfalto. Susana, então, puxou o freio de mão fazendo o Maverick girar em meio a uma nuvem de fumaça branca. Essa manobra desgrudou os dois veículos. As ferragens pareciam gritar em protesto. A viatura ficou parada no acostamento, perdida em uma nuvem de pó e cascalho. O policial esmurrou o volante e ofendeu novamente a mãe de Susana.

Pelo retrovisor ele viu o Maverick girar quase 180° graus, rabear cantando os pneus para depois seguir acelerando rumo ao horizonte.

Susana mordida o lábio inferior e ainda sim sorria. Sentia a pulsação vibrar em sua cabeça. *Tum! Tum! Tum!* E não só em sua cabeça. Seu corpo inteiro parecia pulsar. Era o estímulo. Era... algo que simplesmente mexia com ela. Algo que a tirava do controle. A eletricidade estava para atingir o ápice. Susana respirou fundo, fechando os olhos por um instante. Então gemeu felinamente por entre os dentes e por entre as pernas. Estava satisfeita de conseguir o que toda garota esperta quer no final das contas, ou seja, gozar no final.

Capítulo 17

Matador de Zumbis (V)

Dentro da jaula de circo atrás da lona nos fundos do barracão de Papa-Lulu havia um zumbi. Ele estava de pé no centro da jaula. A cabeça pendia para o lado e babava muito. A pele era esbranquiçada, verde em alguns pontos. E em outros pontos a pele estava murcha, agarrando-se aos ossos. Havia também algumas machas *arroxeadas/pretas*. Os olhos eram *branco-embaçados* e vidrados, voltados para cima, quase vultos ao contrário. Estavam alojados em cavidades fundas e escuras demais. Os braços estavam largados ao longo do corpo com as palmas das mãos voltadas para trás. As pernas estavam entreabertas com os joelhos levemente flexionados. Vestia um uniforme do correio encardido e babado, quase

completo (com exceção do boné que estava caído no chão da jaula encardido, mordido e babado). À tira colo ainda trazia a sacola de cartas, também encardida, mordida e babada.

Fox e Jamal, diante da jaula, observavam incrédulos. Jamal gaguejou alguma coisa, mas ainda era cedo pra falar. Sua garganta estava seca, sentia as pernas tremendo e o coração batendo forte no peito. Antes de falar qualquer coisa, precisava primeiro assimilar o que seus olhos estavam vendo.

— Meu Deus! — Exclamou Fox. — É de verdade? É de verdade!

Papa-Lulu, que estava um pouco atrás dos dois riu sua risada de caco de vidro. O velho pôs a mão que não segurava a vela em um dos ombros do garoto.

— *Ié, um mortolho di verdadi.*

— Você — sussurrou Jamal, mas foi ignorado. Ainda não estava conseguindo falar. Sentia medo, pavor, horror e estava enojado.

— Eu nem acredito — disse Foz, parecia estar falando sozinho. — Cara, eu nem acredito nisso!

— Você... — Jamal começou de novo. Achava que agora conseguiria falar. — Você matou um carteiro?!? Você matou a *porra* do carteiro?!?!?

Fox olhou para Jamal surpreso como se o amigo tivesse falado em outra língua. Um idioma desconhecido e confuso, quase cacofônico. Ele havia ouvido as palavras, mas não as havia entendido. Na verdade havia entendido, mas estava indeciso entre ficar maravilhado ou horrorizado. Como todos nós, humanos, Fox não queria acreditar que algo tão maravilhoso (pelo menos, para ele), pudesse ser tão hediondo. Por isso precisava dar uma chance para que Papa-Lulu se explicasse. Não queria perder o que havia ganhado. Um zumbi de verdade. Em algum nível inexplicável, na cabeça de Fox, um zumbi era uma zumbi e pronto. Ele parecia não ser capaz de perceber que um zumbi era um ser humano morto que voltava em uma semi-vida, ou algo assim. Olhou para o zumbi e seu uniforme de carteiro encardido e babado, depois olhou para Jamal e novamente para o zumbi e de novo para Jamal.

— Caralho!

Voltou-se para Papa-Lulu.

— Você matou o carteiro?

Papa-Lulu riu de verdade.

— *Craro qui* não. Cheguei um dia *dessis* do mercado *i* o pobre tava mortinho da silva no meu quintal. Insolação, *ieu* acho, *ié*. Aí eu fiz *deli mortolho*, não dá pra *disperciçá, né?*

— É — disse Fox, — acho que não.

Jamal olhou surpreso para Fox.

— Ah, sócio... acho que precisamos conversar.

Capítulo 18

Esquizofrenia Blues (V)

Seth entrou mancando em uma loja *fuleira* de roupas. Passou pelos cabides recolhendo o que precisava. Uma calça preta, uma camisa branca, meias, um par de sapatos pretos e um blazer preto. Vestiu-se ali mesmo, no meio do corredor de mercadorias e, em seguida, saiu da loja. Se alguém viu o que ele fez, ele não deu à mínima. Na calçada seguiu para uma ruazinha secundária e entrou em uma lanchonete. Pediu um pedaço de torta salgada e comeu, enquanto o atendente enraizou-se em sua frente, esperando que ele acabasse. Quando acabou pediu água mineral. O atendente se virou por três segundos, colocando uma garrafa de água mineral ao lado do prato

de torta. Então, percebeu que Seth não estava mais ali. O atendente olhou para a porta do estabelecimento e depois para seu interior. Em seguida abriu a água e a despejou em um copo, esperando seu cliente voltar do banheiro. Ele esperou por muito, muito tempo. Ninguém voltou do banheiro e ele nunca mais viu Seth de novo.

Seth contornou a quadra e continuou entre ruas paralelas até encontrar um carro. Minutos depois encontrou um Opala azul celeste com os vidros abertos e as chaves na ignição. Seth amava clichês, especialmente os que aconteciam com ele. Assim que sentou no carro percebeu que havia alguém sentado no bando do carona. Tinha certeza de que o carro estava vazio antes, mas agora não estava mais. Ele fechou os olhos. Sabia quem era a pessoa que estava ali apenas pelo perfume.

— Vaca desgraçada — disse para Susana sem encará-la. — Você não é real.

Susana Von D deu de ombros e acendeu um cigarro mentolado. Ela tragou longamente, fazendo uma careta, como sempre fazia com a primeira tragada. Depois fez um biquinho no canto da boca e soltou a fumaça

melosa e grudenta para cima. O cheiro extremante adocicado fez o estômago de Seth se contrair.

— Você não é real, não é real.

— Não sei Seth — disse ela em um tom levemente entediado. Costumava usar esse tom levemente entediado simplesmente porque sabia que o tom levemente entediado o deixava puto. — E sinceramente não me importo. O esquizofrênico aqui é você. Isso é problema seu. Você é problema seu!

Seth respirou fundo e só então abriu os olhos. Virou o rosto para encará-la e sentiu como se tivesse acabado de levar um soco no estômago. Vaca. Ele só estava olhando para ela há alguns segundo e já estava com uma ereção de ferro em brasa.

— Ela não é real — disse olhando diretamente nos olhos *castanho-melados* dela.

— Merda Seth! — Ela explodiu jogando o cigarro pela janela. Seth acompanhou com os olhos o cigarro girar no ar até atingir a calçada e ficar ali soltando uma fumacinha. O cigarro parecia real jogado ali. *Merda, merda merda!* — Seth não fale sozinho, fale comigo!

— Não — disse voltando a encará-la. — Eu não tomei meus remédios, eu... perdi meus remédios... é por isso que estou te vendo aqui e você parece real. Eu...

— Seth — disse Susana. — Preciso de ajuda, por isso estou aqui.

— Precisa nada.

— Preciso sim, Seth. Preciso mesmo. No momento estou me divertindo numa estrada, mas logo chegarei a Val-Paso. Preciso que me encontre lá.

— Val-Paso? — Repetiu Seth. Parecia confuso. Queria que ela sumisse. Queria que ela estivesse ali de verdade. Queria tocá-la, queria... — Por que Val-Paso?

— Não acabou Seth. Não acabou. Ainda não. É de lá que eles estão vindo... de Val-Paso.

— Mas... como?

— Não sei, Seth... apenas sei. Vou estar em apuros, querido. Preciso de você.

Seth fechou os olhos e contou até duzentos e trinta e seis. Quando os abriu novamente ela não estava mais ali. Quando conseguiu parar de chorar e tremer limpou o suor e as lágrimas com as costas das mãos, deu a partida no

carro e seguiu para a saída mais próxima. Precisava estar em Val-Paso o quanto antes.

— Agüente firme, meu amor... eu tô chegando.

Capítulo 19

Val-Paso (V)

Em Val-Paso a maioria dos moradores estava vivendo uma vida dupla. A maioria, pelo menos. E a maioria nem ao menos se dava conta disso. A maioria, pelo menos. Na maioria dos casos seguiam o cotidiano, trabalhando, amando, dormindo, pagando contas e tudo mais, mas quando estavam sozinhos algo dentro deles tomava o controle, obrigando-os a se reproduzirem como animais. A maioria, pelo menos. E isso é algo que pode ser facilmente notado, especialmente em uma cidade pequena. Aparentemente cidades pequenas não gostam muito quando seus moradores começam a se reproduzir demais. As pessoas percebem esse tipo de coisa. Ou seja, se a

ignorância é uma benção, pode-se dizer que os moradores de Val-Paso não eram abençoados. A maioria, pelo menos. Mas não todos. Não mesmo. Alguns *percebiam/sabiam*, na verdade muitos *percebiam/sabiam*, mesmo com pistas superficiais. Alguns até souberam antes de tudo acontecer. Alguns até saíram dali o quanto antes, para não serem contaminados e de longe, continuavam participando da trama. Alguns para o bem, outros para o mal. Assim como Papa-Lulu.

Val-Passo virou a fonte, a nascente dos demônios renascidos. Ali eles se reproduziam e depois ganhavam o mundo. No entanto, esse tipo de evento logo seria notado. Essas coisas sempre acabam aparecendo. Não dá pra manter uma coisa dessas em segredo, não por muito tempo. Por isso as coisas, que já entendiam o suficientemente bem como os humanos *pensavam/agiam*, haviam bolado um plano, uma armadilha, uma ratoeira. Na verdade, Sadrez é quem deu a ordem. Os *mortolhos* de Papa-Lulu serviriam por enquanto. Dariam o tempo necessário para a grande debandada.

Capítulo 20

Suzie Q (V)

Depois que se livrou da polícia Susana pegou uma estradinha de terra e seguiu sem saber ao certo para onde estava indo. Isso iria atrasá-la, mas quem gosta de brincar com fogo sabe que é preciso certa cautela. Não muita, mas alguma. Além disso, Susana tinha um problema pendente enrolado num lençol. Parou o Maverick todo amassado num ponto plano da estrada. Isso permitiria que ela visse antecipadamente qualquer veículo se aproximando. Ao lado havia algumas plantações. Ela desceu do carro e acendeu um cigarro mentolado. O último, aliás. Amassou o pacote e o jogou para trás. Parou diante do porta-malas todo amassado, sacou a 9 mm e balançou a cabeça

esticando o pescoço numa longa volta de alongamento. Simples e rápido. Abrir o porta-malas e disparar na altura da cabeça da coisa até a atingir o cérebro. No entanto, antes mesmo de tocar a tampa, percebeu que ela já estava aberta. Provavelmente a tranca fora danificada quando o carro da polícia a atingiu. Susana levantou a tampa com a ponta da arma e viu um porta-malas vazio.

— Oh merda!

Susana abaixou a cabeça e apertou os olhos com o polegar e o indicador da mão esquerda. Baixou a tampa do porta-malas e virou-se para uma das plantações. Fumou o mentolado até o fim, o soltou dos dedos e pisou em cima. Levantou a 9 mm, apontando para uma árvore entre a plantação e a estrada e disparou três vezes enquanto dava um berro de ódio.

A porra da coisa no porta-malas devia ter caído do carro nas estripulias que fizera com a polícia. E Agora uma coisa *morta-viva* estava andando por aí. E tudo porque roubara um carro com a coisa dentro. Quais as chances? Como gostava de pensar, as coisas aconteciam por um motivo. Talvez algo estivesse tentando retardar sua chegada à Val-Paso. Mas para o bem ou para o mal?

Susana não acreditava em coincidências. Sentia-se manipulada. E o pior era não saber à qual lado do tabuleiro estava servindo. Pois nem sempre a intenção conta quando se é uma marionete, *um joguete do destino*. Susana já havia se ferrado demais para saber que, mesmo quando o universo conspira a seu favor, isso necessariamente não quer dizer que ele tenha os mesmos objetivos que você.

— Merda, merda, merda!

Voltou para o carro, deu partida, manobrou jogando terra para os lados e voltou para estrada principal. Sabia o que precisava fazer, mesmo não gostando. Aquela criatura que estava zanzando por aí era responsabilidade sua, agora. Devia ter dado um fim na coisa, logo de cara. Agora havia uma coisa, que Susana nem ao certo sabia o que era andando por aí. Andando morta.

Susana não gostava de matar as coisas. Havia deixado isso para trás há muito tempo. Não era ela quem fazia isso. Seth fazia isso e por isso ela havia largado tudo. Simplesmente não agüentava mais. Por isso esquecia sonhos importantes. Sonhos reveladores que a jogavam de um lado a outro do país, para enfrentar coisas horríveis em uma guerra estúpida e cósmica em que ela não havia

pedido para participar. Que Seth seguisse caçando seus demônios, imaginários ou não, moinhos de vento ou não. Tudo o que ela queria era esquecer.

Capítulo 21

Matador de Zumbis (VI)

Fox e Jamal saíram da propriedade de Papa-Lulu levando um zumbi vestido de carteiro no porta-malas do carro e um plano estapafúrdio na cabeça. E evidentemente eles estavam cientes das duas coisas. Para Fox, o plano era tão simples e, exatamente por isso, poderia funcionar. Para Jamal, o plano era tão imbecil (Jamal era mais esperto que Fox, mas não muito, só um pouco), e exatamente por isso poderia funcionar.

O plano deveria ser executado da seguinte forma:

Primeiro: Jamal levaria o zumbi vestido de carteiro para uma cidadezinha chamada Val-Paso. Papa-Lulu deixou claro que essa deveria ser a cidade. Disse que ela apresentava as condições necessárias. Nenhum dos dois

idiotas se quer cogitou perguntar que condições seriam essas. Ambos nunca tinham ouvido falar de Val-Paso. E porque deveriam? Val-Paso era como tantas outras.

Segundo passo: Jamal deveria soltar o zumbi vestido de carteiro no cemitério da cidade, que era antigo por isso mesmo imenso. Em seguida deveria dar o fora dali sem ser visto.

Terceiro: Fox chegaria à cidade um dia depois, de preferência durante a noite. Essas coisas deveriam ser feitas durante a noite, não que fosse algo estritamente necessário, mas apenas porque achava que de noite seria mais legal. Então ele se apresentaria como matador de zumbis, acertaria um tiro na testa do zumbi carteiro, cobraria uma taxa por seus serviços e dividiria o dinheiro com Jamal e Papa-Lulu em partes iguais.

O plano era imbecil e os dois só havia concordado com esse absurdo todo porque foram hipnotizados por Papa-Lulu. O velho era bom com essas coisas. E caso os dois sobrevivessem e alguém perguntasse: *“como vocês puderam ser tão burros? Como concordaram com isso?”* Provavelmente eles nem se lembrariam direito e diriam que na hora, a coisa toda parecia ser uma boa idéia.

Esse era o plano. Pelo menos o plano que Papa-Lulu havia contado aos dois. Papa-Lulu tinha muitos planos, alguns bons, outros ruins, muitos planos, uma porção deles.

Capítulo 22

Esquizofrenia Blues (VI)

Seth seguia para Val-Paso no carro roubado, provavelmente procurado pela polícia, sem arma, sem seus remédios. O pé latejava e uma dor, antes localizada, começava a subir por sua perna até o quadril. A dor de cabeça estava se transformando em febre alta e seus olhos estavam embaçados e úmidos. O chaveiro do carro balançava lentamente roçando em sua perna. Ele não havia reparado antes no objeto preso às chaves. Tratava-se de um sapo de plástico verde. Ficou olhando para o chaveiro com o sapo verde que balançava hipnótico de um lado para o outro. Voltou os olhos para a estrada quando percebeu que o carro estava desviando-se sozinho para a

direita. Endireitou o volante e tentou concentrar-se na estrada, mas o verde brilhante e plástico parecia chamá-lo. Baixou os olhos para o sapo e rapidamente de volta para a estrada. Por um momento, pareceu que o os olhos do sapo haviam se movido. Olhou novamente e o sapo disse:

— E aí?

Seth balançou a cabeça e piscou várias vezes. O sapo tinha os olhos voltados para cima, com cara de quem espera uma resposta óbvia para uma pergunta óbvia.

— Cara — começou o sapo, — eu não sou médico nem nada, mas acho que você não está muito bem.

Seth voltou a olhar para a estrada. Sabia que não iria funcionar. Sabia por experiência própria que ignorar moscas e alucinações não as fariam desaparecer. Mas tentou mesmo assim.

— Ei, estou falando com você, cara!

Por mais que não existam estudos que comprovem isso, Seth achava que alucinações só desapareciam depois de dizer o que queriam. Seth sabia que seu cérebro provocava as alucinações, então, talvez seu cérebro ou seu inconsciente, ou qualquer outra baboseira assim, estava tentando lhe dizer alguma coisa. Essa era a melhor

maneira de lidar com as alucinações. Infelizmente não era a maneira mais agradável.

— Certo — disse para o sapo. — Diz logo o que quer e cai fora!

O sapo espremeu os lábios e fez o movimento que parecia o levantar de uma sobrancelha. Parecia estar avaliando suas opções.

— Ok — disse por fim. — Já que você não está pra papo, vou ser direto.

— Agradeceria muito — respondeu Seth, voltando os olhos para a estrada.

— Tá então lá vai: não me pergunte como eu sei, mas você está indo pra Val-Paso pela estrada errada.

Seth pareceu confuso. Estava seguindo o melhor caminho, pois seguia pelo caminho mais curto, ou seja, o mais rápido.

— Estou no caminho mais rápido — disse desviando os olhos para o sapo e de novo para a estrada.

— Nem sempre o mais rápido é o certo. — disse o sapo. — Acredite em mim, eu sou esperto, sou um sapo chinês. Na verdade fui fabricado em Taiwan, mas você entendeu o que eu quis dizer.

Seth resolveu entrar na dança.

— Certo... sábio chinês *made in Taiwan*, qual caminho devo seguir?

— Ah! — fez o sapo estalando os lábios. — Isso, pequeno gafanhoto, é com você. Eu também não sei tudo, saber tudo não faz de você um sábio. O que faz de você um sábio é valorizar o que você sabe.

— Isso não está me ajudando?

— Certo cabeça oca, vou te ajudar nessa parte. O que você sabe?

— Pelo que me disse sei que estou no caminho errado.

— E por quê?

— Por que... você disse que é o caminho mais curto.

— Muito bem, pequeno gafanhoto! E agora que você sabe o caminho errado, há boas chances de você deduzir o caminho certo. E é aqui que eu pulo fora, *Bye-bye!*

— Então devo seguir pelo caminho mais longo?

Voltou os olhos para o sapo. Não houve resposta. O bicho estava tão desprovido de vida quanto antes. Plástico, sólido, brilhante e verde.

Seth pisou no freio e arrastou o carro numa guinada barulhenta para voltar alguns quilômetros. Havia passado por uma estrada secundária que também levava à Val-Paso, passando por três ou quatro cidadezinhas antes. No entanto, sabia que ouvir alucinações poderia fazer com que elas desaparecessem, por outro lado, não tinha certeza se concordar com elas seria uma tática tão boa. De qualquer forma precisava dar um telefonema. O velho não falaria nada que não tivesse ouvido antes, mas precisava telefonar. Parou no primeiro posto de gasolina que encontrou e foi para o telefone público ao lado dos banheiros. Discou à cobrar. O velho atendeu.

— Alô?

— Oi... é o Seth

— Sim, eu sei.

— Certo. Como vai a perna?

— Do mesmo jeito. Dói pra burro. O que você quer, Seth?

— Eu... falei com a Susana.

— Falou com a Susana... com a verdadeira ou com a que mora na sua cabeça.

— Isso importa?

— Não, Seth, acho que não. Na verdade não.

— Estou indo para Val-Paso.

— Sim, eu sei, pelo menos imaginei que isso aconteceria.

— Tem algo que você não saiba?

— Seth, a história só existe porque alguém a está registrando. Que utilidade teria um evento se ninguém soubesse da sua existência? Não sou como a bruxa, mas sonho com as coisas e Val-Paso é um cenário constante.

— Certo. Algum recado pra mim, da Susana?

— Só o mesmo. Tenho aqui o envelope fechado pra te entregar, mas você sabe quais são as condições.

— Sei.

— Só posso te entregar o envelope sob duas circunstâncias. Você desiste dos demônios e eu te entrego o envelope. Ou quando Susana morrer, aí eu te entrego o envelope. O que vier primeiro. Foi o que prometi a ela e, mesmo não gostando da bruxa briguenta, é o que vou cumprir.

— O envelope está fechado?

— Sim, o envelope está fechado.

— Mas você sabe o que está escrito?

— Sim eu sei.

— E não é apenas o endereço dela?

— Não, não é apenas o endereço dela.

— Mas você entende que eu preciso fazer o que faço?

— Sim, Seth, eu entendo.

— Algum conselho de última hora?

— Não.

— Ela está bem, pelo menos?

— Ela está onde deveria estar, Seth, fazendo o que deveria estar fazendo. É assim que as coisas funcionam, você sabe.

— Sim, eu sei. Acho que sei.

— Como sempre, Seth, você vai ter que tomar uma decisão.

— Eu já me decidi. Estou fazendo o que preciso fazer. Alguém tem que fazer!

— Então porque a dúvida, se você já se decidiu?

— Eu não sei.

— Então está tudo certo. Você já se decidiu, escolheu o seu caminho. Fez a opção. Esta é sua escolha. Você vai continuar caçando essas coisas pelo mundo a fora, até que elas acabem com você. Desta forma eu só posso te entregar o envelope quando Susana morrer. Então, e só então, no dia em que Susana morrer e, se você ainda estiver vivo, eu te entrego o envelope.

— Certo.

— Sinto muito Seth.

— Não tem problema. Está tudo bem. Tudo certo.

— Certo, então. Boa sorte em Val-Paso, Seth, você vai precisar.

— Obrigado, pai.

— Cuide-se, Seth, cuide-se — e desligou.

Seth ficou segurando o telefone por mais um tempo. Depois voltou para a estrada.

Capítulo 23

Val-Paso (VI)

Papa-Lulu havia saído de Val-Paso há muito tempo, mas ainda mantinha contatos. Papa-Lulu era um velho influente e Sadrez o odiava por isso. Um telefone velho demais começou a tocar. Em Val-Paso, misteriosamente celulares não funcionavam. O som antigo do telefone ecoou em uma casinha velha, em uma velha propriedade de Val-Paso.

— Alô? — disse o velho Miguel. Ele não tinha coisas dentro dele, mas assim como Papa-Lulu, ele trabalhava para as coisas. Na verdade trabalhava para Papa-Lulu. Sobre as coisas, Miguel tinha apenas uma vaga noção do que realmente eram.

Do outro lado da linha ouviu-se uma risada de caco de vidro.

— *Tá tudo certo. Essa noite um dus mininu devi sorta o mortolho nu cimitério. O pó di mortolho tá dentru da borsa di correio que o mortolho tá usando. Cê tem qui pegá o pó di mortolho antis du otrô mininu aparecê. Os mortolho vão servi pra atrapalhá os bonzinho qui sempri apareci. Os mortolho mata o caçador e as coisas pode fugi e iscolhê ôtru iscondirijo. A batalha num tem hora certa ainda, mas é pra agora. Os mortolho vão dá pru gasto.*

Papa-Lulu riu até tossir. Miguel ouviu o preto velho pigarrear e cuspir do outro lado da linha.

— Entendido — disse Miguel. — Algo mais?

Silêncio. Papa-Lulu estava pensando. Achava que era isso. Tudo certo. Claro que sempre podia contar com o plano B. Mesmo assim resolveu que não faria mal dar um último conselho a um velho amigo.

— Sim. *Dispois qui ocê ispalhá o pó, é sebo nas canela. Somi daí praque o cardo vai fervê.*

Capítulo 24

Suzie Q (VI)

Susana saiu da estradinha de terra de volta para o asfalto cantando os pneus. Estava abusando da capacidade do carro e sabia disso. Alguns metros depois viu o carro da polícia parado no mesmo lugar em que o vira pela última vez. Parou o Maverick uns seis metros antes de chegar à viatura, que estava com a porta do motorista aberta. Desceu do carro com a 9 mm em punho e começou a caminhar lentamente. Alguns passos depois pisou no lençol encardido que antes estava enrolando alguma coisa *morta-viva* no porta-malas do Maverick. Susana engoliu à seco e segurou a arma com as duas mãos.

— Muito bem...

Parou ao lado do carro e ele estava vazio. A arma do policial estava no chão, ao lado de algumas machas de sangue. Olhou para os dois lados da estrada e nada viu.

— Mas que *porra*...?

Foi então que o ouviu um som que lembrava o de alguém mastigando. Deu a volta no carro e arregalou os olhos.

— Mas que *merda*...?

O corpo do policial estava estirado no chão com um rombo em sua barriga, de onde muito de suas entranhas estavam à mostra. E isso não era o mais chocante. O mais chocante é que um carteiro muito encardido e morto estava debruçado, comendo do buraco, como um cachorro comendo de uma tigela.

O *morto-vivo* olhou bestamente para Susana com metade da cara pintada de vermelho escuro. Um pedaço de fígado pendia de sua boca enquanto outro pedado estava mal acomodado em suas mãos de dedos duros.

— *Caralho* — disse Susana pensando que aquilo não era uma coisa... na verdade era uma coisa, mas o *seu* tipo de *coisa*, o tipo de coisa que já havia visto e

enfrentado antes. As coisas que conhecia estavam vivas, eram hospedeiros. Aquilo ali estava morto.

O zumbi até então estático, como se estivesse *vendo/assimilando* tudo em câmera lenta, fez uma careta para Susana, tal qual um gato acuado. Com a careta e os dentes amostra, o pedaço de fígado caiu no chão fazendo um barulho gelatinoso, algo como *paf*. E em câmera lenta, o *morto-vivo* começou a se levantar. Susana estava chocada. Já havia visto muita porcaria na vida, mas aquilo ali era uma porcaria completamente diferente. O que primeiro assimilou foi que a coisa *morta-viva* estava vindo em sua direção. Disparou antes mesmo de levantar a arma, uma, duas, três, quatro, cinco vezes.

BAM!

BAM!

BAM!

BAM!

BAM!

O Primeiro disparo atingiu o acostamento, levantando uma nuvem de poeira. O segundo atingiu o joelho do carteiro, fazendo com que ele arqueasse um pouco. Como ele arqueou um pouco (e vejam só como são

as coisas), o terceiro, o quarto e o quinto disparo, atingiram a bolsa de cartas que explodiu em uma nuvem de fumaça verde sobre o rosto de Susana. Seus olhos e narinas queimaram instantaneamente e um gosto amargo de ervas inundou sua garganta. Ela soltou a arma e levou as mãos ao rosto que parecia em fogo. Tentou gritar e se afogou, cambaleante. Não conseguia enxergar e tossia como se o mundo inteiro estivesse entalado em sua garganta. Nesse momento sentiu uma mão seca e ossuda se fechar em torno de seu barco. Em pânico trançou as próprias pernas e foi ao chão levando consigo o carteiro *morto-vivo*.

Capítulo 25

Matador de Zumbis (VII)

Jamal estava perdido, literalmente perdido, *fodido* e mal pago. Estava atrasado em seu plano, muito atrasado. Não havia encontrado o caminho para Val-Paso e por infelicidade do destino, resolvera pedir informação em bar cujo estacionamento ficava nos fundos. Seu Maverick fora roubado e o que é pior, junto com o zumbi vestido de carteiro que estava no porta-malas. Como não tinha mais dinheiro passou a noite em um banco de praça tentando entrar em contato com Fox, mas tudo o que conseguiu foi ouvir repetidas vezes uma gravação dizendo que o número chamado estava fora de área. Ligou então para Papa-Lulu e ao relatar que o carro fora roubado com o zumbi vestido de carteiro dentro, ouviu ofensas e maldições até a quinta

geração de sua miserável família. Desligou o telefone enquanto o velho ainda xingava e praguejava. Aquilo tudo era absurdo demais e Jamal simplesmente desistiu. Então, e apenas por estar entediado, seguiu a avenida principal até a saída da cidade e pôs-se a pedir carona.

Fox por outro lado, estava prestes a atingir o ápice de sua carreira como matador de zumbis, como veremos em breve.

Capítulo 26

Esquizofrenia Blues (VII)

Seth fechou os olhos por um instante, pelo menos foi um instante para ele. Na verdade, dormiu ao volante e quando levantou os olhos para a estrada viu que estava na contramão, rumando em diagonal para fora da pista. Segurou o volante com força quando os faróis iluminaram uma pessoa saltando para fugir do carro. Pisou no freio e girou o volante para evitar a cerca de uma plantação. Parou envolto em poeira. Abriu a porta e desceu, seguindo em direção a Jamal que batia o pó da calça. No meio do trajeto as pernas de Seth cederam e ele foi ao chão. Jamal correu até ele.

— Ei cara, você está bem?

Seth apontou para o carro e Jamal o ajudou até chegar lá. Colocou-o no assento do motorista, mas Seth agarrou o banco do passageiro e se içou até acomodar-se ali. Podia sentir que seu sapato estava cheio de sangue.

— Você dirige — disse.

— Tudo bem — disse Jamal sentando-se e dando a partida. — Vou levá-lo até um hospital.

— Não, nada de hospital. Val-Passo. Siga a pista. Val-Paso.

Jamal concordou com um aceno de cabeça e pôs o carro em movimento. Ficou pensando se aquilo era uma coincidência ou se Papa-Lulu estava mexendo os pauzinhos sobrenaturais para conseguir o que queria. De qualquer forma, não via muita vantagem em seguir para Val-Paso, afinal não estava mais com o Zumbi. Achava que Papa-Lulu não tinha como consertar a coisa no ponto em que estava. Jamal não poderia estar mais enganado.

Capítulo 27

Val-Paso (VII)

Papa-Lulu abriu as grandes portas do barracão praguejando contra o jovem Jamal. Caminhava devagar, mas com firmeza. O cachimbo preso entre os dentes. Ele não queria ir até Val-Paso. Não seria bom estar lá perto das coisas. Não mesmo. Papa-Lulu servia as coisas, mas não queria estar perto delas. Fora exatamente por isso que saíra de lá, pra começo de conversa. Com as duas portas bem abertas ele voltou para dentro do barracão ainda praguejando. Ouviu-se então o estrondo de um motor romper a ladainha de pragas. Segundos depois um monomotor com equipamento de pulverização atravessou

as portas do barracão deixando atrás de si uma espessa nuvem de fumaça azul.

O aviãozinho manobrou pela estreita estrada de carros de Papa-Lulu e seguiu para o pasto dominado pelo mato. Sua aceleração aumentou constantemente e, alguns metros à frente, como que por mágica, as rodas da pequena aeronave deixaram o chão ondulado do pasto e ganharam o céu. O avião descreveu uma curva com o horizonte ao fundo e seguiu para o oeste. A nuvem azul de óleo queimado deixava a impressão de que o equipamento de pulverização já estivesse ligado. Mas não estava. Quando estivesse, a cor da fumaça expelida seria verde. Um pó verde e granulado, diluído em água, que Papa-Lulu gostava de chamar de pó de *mortolho*.

Menos de uma hora depois Papa-Lulu estava pulverizando Val-Paso. Ele começou pelo cemitério. A dose era mais concentrada do que a que havia deixado na bolsa de cartas do zumbi carteiro, pois Miguel iria fazer a aplicação de forma direta. A garoa verde caiu lentamente e em questão de minutos foi sugada pela terra. E, contrariando toda a física existente, a *garoa/pó-de-*

mortolho/pó-mágico/pó-de-zumbi também foi sugada por algo mais.

Menos de vinte minutos depois, em vários pontos do cemitério, a terra começou a se revirar, como se algo estivesse cavando por baixo. E estava. Algo estava cavando.

Um minuto depois eles começaram a se levantar. Um braço seco, envolto em um terno podre e esfarrapado emergiu da terra, para ficar movendo-se cegamente no ar.

Em seguida o braço seco agarrou o chão a sua volta e começou a içar o resto de sua carcaça.

Um que, recentemente havia sido enterrado, levantou quase que por completo de uma só vez. Lascas de madeira do caixão haviam perfurado sua pele e seus olhos e ainda continuavam enfiadas ali.

Muitos levantaram. A maioria lenta e podre, outros frescos, úmidos e rápidos.

Havia também os que rastejavam podres e atrofiados demais para grandes movimentos. Todos, no entanto, de olhos vidrados, olhos vazios, olhos mortos.

A multidão de cadáveres foi se agrupando à esmo. Homens, mulheres e crianças, com roupas e adereços de

todas as épocas. E em uma marcha lenta e mórbida, começaram sua procissão rumo à cidade.

Capítulo 28

Suzie Q (VII)

Ao atingir o chão Susana sentiu o peso do *morto-vivo* sobre si e o hálito de podridão. Rolou por instinto. Deixando a criatura caída ao seu lado, mas ela ainda a segurava pelo braço. Abriu os olhos que ainda ardiam e viu que tudo estava embaçado. Segurou o braço da criatura e o forçou a soltar o seu. O braço da coisa quebrou com um ruído seco bem na altura do cotovelo e Susana rolou mais uma vez para longe. Levantou-se com o braço do zumbi nas mãos. Os dedos da coisa ainda se moviam. Atirou o braço para o mato e correu até sua arma. Esfregou as mãos nos olhos mais uma vez e sua visão começou a clarear um pouco.

A criatura havia conseguido se levantar e seguia em sua direção. Para matar os possuídos, que Susana já havia visto e enfrentado, bastava danificar a conexão entre a *coisa/feto/demônio* e o cérebro do corpo hospedeiro. Para tanto, alguns disparos no cérebro da coisa resolviam a questão. Susana esperava que contra zumbis a coisa fosse semelhante. Segurou a arma com ambas as mãos, espremeu os olhos e disparou. Como que por mágica, um pequeno furo negro apareceu na testa da criatura que ficou congelada por alguns segundos em uma expressão de surpresa estúpida. A criatura não caiu. Dizer que a criatura caiu soaria errado. A palavra certa seria *ceder*. A criatura cedeu até o chão, como se alguém a houvesse tirado da tomada. Em seguida, o que cedeu foram os joelhos de Susana. Ela ficou ajoelhada por um tempo esperando que o mal-estar passasse. Não passou, mas diminuiu. Então, levantou-se e foi até o Maverick buscar as armas que havia roubado antes. Trouxe tudo para o carro da polícia, entrou e seguiu em silêncio para Val-Paso. Seus olhos ainda ardiam, suas narinas também e sua garganta mantinha o gosto amargo do pó de zumbi. Em algum nível, de alguma forma, Susana sabia que o tempo agora corria contra ela.

Sentia a urgência queimar em seu estômago, em sua mente e em seu coração. A coisa verde já havia atingido sua corrente sanguínea e agora viajava rápida pelo seu corpo, contaminado tudo, cada órgão, cada tecido, cada célula. Susana, em algum nível, sabia que agora era tudo uma questão de tempo.

Capítulo 29

Matador de Zumbis (VIII)

Fox havia saído de El-Paso. Ainda não conseguia acreditar que havia errado de cidade. Um verdadeiro matador de zumbis não deveria deixar uma coisa assim acontecer. Ele esperava não...

TUM!

— *Caralho!* — gritou assustado ao perceber que havia atropelado alguma coisa. Olhou para trás rapidamente e...

TUM!

Atropelou outra coisa. Pisou no freio ainda olhando para trás. Desceu do carro deixando a porta aberta e viu o corpo do segundo atropelado atirado no chão. O primeiro atropelado, já de pé, vinha em sua direção. Mancava

lentamente com a cabeça torta de um jeito que a anatomia humana não permitia. O segundo atropelado começou a levantar de maneira estranha, como se houve algo seriamente errado com sua coordenação motora.

Fox, que ainda não havia percebido com o que estava lidando gritou de onde estava:

— Vocês estão bem?

— *Aaarrrrrrggg!* — fez o atropelado que estava mais próximo.

— *Aaarrrrrrggg, hummmmm, aaarrrrrrggg!* — grunhiu alguém atrás de Fox.

Ele voltou-se para olhar e abriu a boca em uma exclamação muda. Eles estavam ali. E eram muitos. Mancos, podres, mortos ao mesmo tempo vivos. Vinham subindo a estrada.

— *Aí caralho...* — disse Fox e a ficha caiu. Sua boca abriu-se num sorriso. Ele cruzou os braços sobre o troco e buscou com as mãos duas 9 mm em cada lado do corpo sob o sobre-tudo. Sacou as armas como uma rapidez impressionante. Anos de prática diante do videogame. Em seguida estava disparando em zumbis. Dava dois passos e dois zumbis caíam com pequenos furos negros em suas

testas. Movia alternadamente os braços, apontando e atirando com a direita, depois apontando e atirando com a esquerda, depois com a direita novamente e assim até que as balas se acabaram. Vários zumbis caíram aos seus pés e muitos outros continuavam se aproximando. Sem demonstrar qualquer hesitação Fox liberou as travas de cada arma e os pentes vazios caíram no chão. Em seguida, colocou a arma esquerda embaixo do braço direito e recarregou a arma que ficou em sua mão. Depois fez o inverso, recarregado a outra arma. Novamente voltou a disparar alternadamente, sempre avançando passo a passo e outros zumbis começaram a cair a sua volta.

Quando as armas fumegavam vazias novamente, Fox correu para o Fusca e saltou rolando sobre o capô. Entrou, fechou a porta e saiu cantando os pneus em marcha ré. Deu um cavalo-de-pau ao contrário e seguiu na direção oposta à Val-Paso. Precisava entender o que estava acontecendo, pra depois matar mais zumbis. Pensou que deveria ter acendido um cigarro. Teria sido tudo muito mais legal com um cigarro aceso. A adrenalina bombava à mil. Assim que endireitou o carro atropelou o segundo zumbi que havia atropelado antes. Atingiu a coisa com o

canto do carro que rabeou um pouco ao passar por cima do cadáver. Depois mirou no primeiro e mais distante e o atropelou também. A criatura bateu bem no meio do carro, sua cabeça carcomida se soltou e voou até se arrebentar no pára-brisa. Fox soltou uma exclamação “*uouuu!*” que terminou em uma risada sacana e verdadeiramente divertida. Os zumbis continuaram marchando lentamente do antigo cemitério para Val-Paso

Capítulo 30

Esquizofrenia Blues (VIII)

Jamal havia parado em um posto de gasolina. Seth, que havia dormido todo o percurso, mandou que o esperasse no carro. Ele foi até a loja de convivência mancando e voltou segundos depois com uma sacola. Entrou, sentou e mandou Jamal arrancar. Em seguida despejou o conteúdo da sacola no colo. Comprimidos e mais comprimidos, uma garrafa em miniatura de vodka e cigarros. Seth ingeriu um pouco de tudo, menos os cigarros.

— Achei — começou Jamal, vendo as mercadorias... — que você tivesse dito que não tinha dinheiro.

— E não tenho.

Seth ainda mastigava alguns comprimidos com uma careta.

— Você tem uma arma?

Jamal sorriu. Ele não era um matador de zumbis, propriamente dito, mas se considerava um auxiliar, um especialista que ajudava o agente de campo. Ele tinha uma arma. Tirou o 38 da calça e passou para Seth.

— Assim que eu estiver me sentindo melhor, você cai fora.

— Hum, certo, mas...

Jamal pisou no freio bruscamente fazendo o carro parar no meio da pista. As compras de Seth voaram de seu colo.

— Ficou maluco?

Jamal não conseguiu responder, apenas apontava para um cadáver vestido de carteiro estirado no chão, que estava próximo a um policial morto, que estava próximo ao seu Maverick todo amassado.

Seth olhou espantado.

— Que merda é essa?

— Acho que é o meu carro — respondeu Jamal, sabendo que era o seu carro e o seu, digamos assim, zumbi carteiro. Não conseguiu dizer mais nada. Respirou fundo e viu que também havia um policial caído no asfalto. A julgar pela quantidade de sangue em cima e em volta dele, não havia a menor possibilidade de estar vivo.

Seth desceu e mancou até o zumbi. Nunca tinha visto um de verdade antes, mas você sabe que é um zumbi quando vê um. Andou até o policial parcialmente devorado. De repente o policial abriu os olhos *morto-vivos* e tentou morder a perna de Seth, que deu um passo para trás. A coisa ia começar a se levantar, quando Seth disparou o 38. Um tiro só, bem no meio da testa. O policial *morto-vivo* caiu com um baque seco. Seth ficou olhando para o corpo. Alguém havia matado o primeiro zumbi, o que estava vestido de carteiro. E havia marcas recentes de pneus ao lado do corpo. E marcas de borracha por toda a estrada. Seth se ajoelhou e passou o dedo por algumas pegadas no acostamento de terra e cascalho. Uma mulher. Uma mulher havia estado ali. Houve uma luta confusa. Ele viu as cápsulas de balas caídas aleatoriamente. Seth respirou fundo, esperando que Susana

estivesse bem. Depois andou até o Maverick. Depois voltou para o carro.

Jamal continuava abobado.

— Muito bem — disse Seth acendendo um cigarro com o isqueiro de metal escovado. — Se há algo que você queira me contar, acho que esse é o momento.

Capítulo 31

Val-Paso (VIII)

Val-Paso estava silenciosa, em parte, mas não estava vazia. Não dava para dizer que estava movimentada, porque seria errado chamar aquilo de movimento. Um ou outro zumbi zanzava de um lado para outro, procurando algo para devorar. E eles acabavam encontrando. Algumas pessoas fugiam de um lado para outro, mas eram muitos mortos. Não havia como escapar.

As coisas estavam escondidas e elas eram boas nisso. Tinham muita prática em permanecerem escondidas. Séculos de prática. E se alguém tentasse encontrá-las, teria que passar pelos zumbis primeiro. Além de distração os *morto-vivos* provocariam um estrago

considerável no tabuleiro. Para as coisas isso era uma vantagem. A confusão sempre favorece o outro lado. Sempre.

Os poucos moradores que não haviam sido possuídos ou devorados pelas coisas, estavam sendo agora devorados pelos *morto-vivos*. Alguns conseguiram fugir, mas só alguns.

Capítulo 32

Suzie Q (VIII)

Susana Von D, também conhecida como Suzie Q, também conhecida como a ex-do-Seth (sim, Seth era famoso em alguns círculos), sabia que estava morrendo. E isso não era o pior. Depois do encontro com o zumbi ela sabia que morrer não seria o pior. Sentia o corpo começar a ficar rijo em alguns pontos. Os dedos doíam, os braços pesavam e a cabeça estava levemente dormente. O estômago parecia cheio de cimento fresco, o pescoço estava dolorido e a boca e os olhos estavam secos. O encontro com a dama de negro havia chegado mais cedo do que ela poderia ter previsto, mas não é sempre assim?

Fez uma curva perdida nestes pensamentos e não foi capaz de desviar do Fusca parado bem no meio da pista. A viatura raspou no carro conversível que balançou com Fox dentro, depois rodou e atingiu uma árvore. Susana Von D, também conhecida como Suzie Q, também conhecida como a ex-do-Seth saiu do carro puta da vida. A 9 mm parecia pesar uma tonelada em sua mão.

Fox correu até ela, mas parou ao ver a arma.

— Você... você está bem? — perguntou. A visão o confundiu. Não porque esperava que um policial saísse da viatura ao invés de uma mulher. Mas pelo fato de que Susana era A Mulher.

— Eu estou bem, sim — respondeu levantando a arma. — Você por outro lado...

— Espere! — gritou Fox levando as mãos ao alto. — Você está indo pra Val-Paso, você não pode...

Susana ficou curiosa.

— E por que não?

Fox não sabia o que dizer. Lembrou da cara de deboche dos moradores de El Paso quando ele havia dito que era um matador de zumbis. E ainda por cima estava intimidado. Susana era o tipo de mulher que intimidava,

sobretudo, segurando uma arma e não podemos esquecer o fato de ter acabado de sofrer um acidente de carro. Carro esse, uma viatura policial. Fox achou que ela não era uma policial, claro que ela seria se quisesse. Tinha a impressão, só de olhar para os olhos dela, que ela poderia ser o que bem entendesse.

— Você não acreditaria se eu dissesse — disse por fim.

— Tente. Você ficaria surpreso de saber no que eu posso acreditar.

Fox teve certeza que sim.

Capítulo 33

Matador de Zumbis (IX)

Fox contou a história toda. O encontro com Papa-Lulu, o zumbi carteiro e tudo mais. Normalmente Susana não acreditaria. Simplesmente daria um soco na cara do infeliz por tê-la feito bater o carro e seguiria adiante. Mas ela havia visto o zumbi carteiro. Ela acreditou. Logo ela seria um deles.

— Você é uma besta, garoto. Me dá uma cigarro.

Fox acendeu um Marlboro e passou para ela. Susana tragou longamente e tossiu. Ele reparou, agora que estavam perto um do outro, que ela não estava muito bem. Estava pálida demais e com os olhos fundos.

Susana tentou tragar novamente e teve um novo acesso de tosse. Provavelmente seus pulmões estavam

mais comprometidos do que poderia imaginar. Mas isso não é sempre assim? Quando parou de tossir jogou o cigarro fora. Não sabia o quanto isso poderia adiantar o processo.

— Certo matador de zumbis, eu vou pra Val-Paso, você volta pra casa.

— Não! — disse Fox. — Você não entende? Meu amigo está lá em algum lugar.

— Não, não está. Eu roubei um Maverick com um zumbi vestido de carteiro dentro. Seu amigo nem ao menos chegou à Val-Paso.

— Você não pode ter certeza. Tem zumbis lá não tem?

Susana deu de ombros.

— Caso tenha chegado à Val-Paso, provavelmente já está morto.

— É — disse Fox com uma careta. Parecia uma criança sendo contrariada. Estava fazendo birra. Achava que tinha se saído muito bem contra os zumbis e além do mais, Jamal poderia estar em apuros. — Mas você não tem como saber.

— Não, eu não tenho. Vá embora ou fique, o problema é seu. Eu tenho mais o que fazer e não tenho muito tempo. Eu...

Neste instante os dois foram iluminados pelos faróis de um carro.

Capítulo 34

Esquizofrenia Blues (IX)

Jamal contou a Seth toda a história. O encontro com Papa-Lulu, o zumbi carteiro e tudo mais. Normalmente Seth não acreditaria. Simplesmente daria um soco na cara do infeliz por tê-lo feito quase bater o carro e seguiria adiante. Mas ele havia visto o zumbi. Ele acreditou.

— Meu amigo pode estar em perigo. — Disse por fim.

— Não é uma boa idéia. Provavelmente vai haver mais zumbis em Val-Paso.

— Não cara, não vai. Você não entendeu? Eu é que deveria levar o zumbi até lá. Por que você...

— Porque eu não acredito em coincidências. Por isso. Vai acontecer... está acontecendo algo em Val-Paso, algo muito ruim, numa escala que você desconhece, algo pior que zumbis. Esse tal *Papa-alguma-coisa-da-luz* não quer que ninguém chegue lá.

— Papa-Lulu.

— Não importa. Eu preciso ir até lá e, se for possível e, se amigo estiver por lá, eu trago o cara de volta, isso se eu conseguir sair de lá vivo.

— Mas do que você está...

— Você não vai querer saber, acredite você...

Neste instante os dois viram duas pessoas iluminadas pelos faróis do carro. O coração de Seth quase saiu pela boca.

Capítulo 35

Val-Paso (IX)

Val-Paso ainda estava silenciosa, fora um grunhido ou outro. Os zumbis ainda zanzavam para lá e para cá procurando algo para devorar, o que é extremamente difícil quando suas conexões nervosas estão apodrecidas e empoeiradas, seus olhos secos e seu olfato é praticamente nulo. Dois zumbis que desciam à rua um na direção do outro, caminharam lentamente até se chocarem. Da trombada cada um caiu de bunda, um de frente para o outro. O primeiro gemeu alguma coisa, se levantou e seguiu seu caminho sem vida. O segundo ficou olhando abobado, como se tentasse entender o que havia acontecido.

Capítulo 36

Suzie Q (IX)

Susana correu para o carro e arrancou Seth de lá. Ele pretendia dizer alguma coisa, mas ela o beijou com tanta força que ele até esqueceu a dor no pé. Na verdade nesse momento ele dificilmente conseguiria saber o que diabos era um pé, muito menos para o que serviria.

A língua dela estava áspera e seca, mas ele a amava e nada mais importava. O beijo forte continuou e continuava forte. Fox e Jamal olhavam sem entender.

Susana deixou de apenas abraçá-lo e começou a abrir sua camisa. Ele segurou as mãos dela e a afastou de sua boca. Estava furioso, mas já sentia saudades daqueles lábios.

— Espere — disse entre os dentes.

Ela fez que não com a cabeça e seus olhos o desejavam. Ele queria beijá-la, mas primeiro precisava descobrir o que estava acontecendo. Então segurou-a pelo braço e a arrastou para o acostamento.

— Vocês dois — disse para Jamal e Fox. —
Fiquem aqui!

Logo, os dois, Seth e Susana, sumiram no meio do mato.

Capítulo 37

Matador de Zumbis (X)

Fox e Jamal viram os dois sumirem e depois ficaram se olhados espantados.

— Cara! — Gritou Fox. — Achei que você estivesse na cidade!

— Também achei que você estive lá. Acho que o Papa-Lulu nos enganou.

— Nem me fale, só não sei como apareceram tantos!

— Tantos o quê?

— Zumbis.

— Zumbis?

— É, zumbis.

Jamal pensou no que Seth havia dito e achou que talvez sair dali não fosse uma má idéia. Os pauzinhos sobrenaturais que Papa-Lulu estava mexendo eram realmente eficientes. De alguma maneira o velhote havia conseguido levar alguns *mortolhos* para Val-Paso. Talvez mais de um. Como? Jamal não fazia a menor idéia, mas o velhote havia conseguido. E o que poderia ser pior do que um *morto-vivo*? Jamal também não sabia? Vampiros, talvez? Lobisomens? Quem sabe? Jamal não estava muito ansioso por descobrir. Fox por outro lado não via a hora de voltar à Val-Paso.

Capítulo 38

Esquizofrenia Blues (X)

Seth tentou falar mais foi inútil. Quando parou de reagir, já estava no chão sem as calças e Susana estava por cima dele. Ela beijou, mordeu, arranhou e cavalgou desesperadamente como se fosse a última vez. Quando começou a dar sinais de cansaço, Seth a derrubou e rolou para cima dela, segurando seus pulsos e os mantendo fortemente presos. Depois de um tempo ela trançou as longas pernas ao redor de seu corpo e o derrubou, montando-o de novo. Por fim, atirou-se ofegante ao seu lado. Seth tentou falar, mas teve que esperar um pouco para recuperar o fôlego.

— Você me chamou aqui?

— Talvez — disse ela. Parecia respirar com dificuldade. O tempo estava passando. — Talvez eu o tenha chamado, não sei, em sonhos.

— Acho que chamou. Eu ouvi.

— Você tem um canal de acesso. Não é o melhor, talvez seja o pior, a loucura, a esquizofrenia, mas é um canal.

— Não importa — disse ele ofendido.

— É, não importa.

Ficaram em silêncio um instante. Ele pôde ouvir o peito dela chiando.

— Você está bem?

— Isso também não importa, Seth.

— Certo. — Ele sabia que importava, mas ela não falaria nada. Sabia disso. – O que você sabe?

— Sei que eles estão em Val-Paso. A maior parte pelo menos. Não sei por que. Mas já que você me deixou pra caçá-los, esse é meu presente pra você.

— Você é que me deixou. Eu não tive escolha. Alguém precisava fazer isso.

Ela se sentou e começou a se vestir. Queria um cigarro, mas não sabia se devia.

— Não vamos começar com isso de novo, amor.

— É melhor. Mas por que você está aqui? Por que quer enfrentar essas coisas de novo?

— Não dou à mínima pra isso, Seth. Não ligo pra anjos, demônios ou o *diabo-à-quatro*. Por mim eles podem devorar o mundo. Não ligo. Mas sabia que você viria. Mesmo sem minha intervenção você acabaria descobrindo que eles estão se reunindo em Val-Paso, ou brotando dali, por algum motivo idiota e cósmico. Então você viria e eles te matariam, porque são muitos. Só me importo com você, Seth, só com você.

Seth abriu a boca para prometer algo que não poderia cumprir, mas Susana fez que não com a cabeça.

— Não faça isso. Não diga. É simples, você não vê? Nós nos encontramos, nos amamos e enfrentamos alguns demônios. Continuamos nos amando e vamos enfrentar alguns demônios de novo. Se sobrevivermos, nos amaremos de novo. Nada mais, nada menos.

Ambos sabiam que era mentira. Mas ambos queriam acreditar, por isso acreditaram.

— O que tem no envelope?

Ela o encarou severamente.

— Você sabe as condições.

— Alguém precisa fazer, não posso parar.

— Por quê?

— Já que Deus não faz nada a respeito, alguém tem que fazer. Alguém precisa matar os monstros..

— Então, vista-se, meu amor — disse Susana, — vamos matar alguns monstros.

Capítulo 39

Val-Paso (X)

Os quatro seguiram para Val-Paso. Fox queria ir com seu Fusca. Estava se divertindo muito e não via a hora de voltar para matar mais zumbis. Aparentemente Fox era incapaz de perceber a seriedade da situação. Via tudo como um jogo, onde o mais importante era o desempenho pessoal. Seth não deixou que fosse com seu carro, pois entendia a gravidade da situação e que não importava o resultado da batalha, a guerra continuaria eternamente.

— O seu carro é conversível, idiota. Por mais que você esteja se divertido o objetivo aqui não são zumbis. — Disse, acendendo um cigarro com o isqueiro de metal

escovado. Seu corpo todo doía, mas sentia-se um pouco anestesiado pelos comprimidos e pelo sexo. — Temos apenas que passar por eles. Entendeu.

Fox acenou afirmativamente.

— Fica frio, cara!

Seth olhou para ele como uma pessoa que não costuma repetir seus avisos.

— Eu... nunca... fico... frio... cara.

Fox engoliu à seco.

Dividiram, então, as armas e ficaram indecisos por um momento, sobre como dividir as duplas.

— Acho que o destino já fez isso — disse Susana.
— Fox e eu vamos primeiro, abrindo caminho. Seth e Jamal atrás, todo mundo protege todo mundo. Temos uma cidade pra limpar.

Seth e Jamal entraram no Opala e esperaram até que Fox e Susana saíssem primeiro com na viatura. Seth jogou fora o cigarro e ficou pensando no que estava por vir. Mais uma noite de trabalho em um mundo cão. Contudo, sabia que algo mais estava acontecendo. E o que era pior. Estava acontecendo com Susana. Seth tinha orgulho de sua capacidade de conhecer as pessoas. Essa

habilidade que antes sempre lhe trouxera vantagens, agora deixava claro que Susana não estava bem. Enquanto faziam amor, Seth viu algo nos olhos de Susana que já havia visto antes em outras pessoas. Seth viu em seus olhos que ela já estava morta. E que ela sabia disso. Ela sabia que já estava morta.

Capítulo 40

Suzie Q (X)

Susana pisava fundo no acelerador, fazendo a viatura berrar. Havia ligado a sirene e todas as luzes do carro da polícia. Isso chamaria a atenção dos *morto-vivos*. Fox, ao seu lado, estava impaciente. Trazia as duas 9 mm nas mãos. Rodava as duas nos dedos, como um pistoleiro do velho oeste. A função dos dois era a de manter as ruas limpas de quando em quando, distraindo, atraindo e matando os zumbis, para que Seth e Jamal pudessem revistar o lugar. Mas Susana tinha algo mais em mente. Por esse motivo havia dito aquela lorota sobre o destino já ter dividido as duplas. O que ela queria na verdade, era ter um matador de zumbis ao seu lado quando se tornasse um

deles. Se o que o garoto havia dito sobre como se portou ao enfrentar os zumbis, fosse verdade, ele puxaria o gatilho quando chegasse a hora.

— Fox — disse ela decidida. — Quero te pedir um favor pessoal.

— Manda — disse Fox automaticamente. Ainda brincava com as armas.

— Primeiro quero que você me prometa que não vai dizer nada ao Seth. Acho que não vamos ter tempo pra conversas em Val-Paso, mas de qualquer forma quero que você prometa.

Fox imaginou que Seth não era o tipo de pessoa que ele gostaria de ter como inimigo. Não gostaria de esconder nada do Seth, pois tinha a impressão de que quando Seth fazia uma pergunta, inevitavelmente ele acabava recebendo uma resposta. Definitivamente não gostaria de tê-lo como inimigo. Mas como não prometer algo a uma mulher como Susana. Tinha a impressão de que, por mais que temesse Seth (e ele temia muito), se Susana pedisse para que pulasse de uma ponte, ele pularia. E que diabos! Achava que não estaria mais vivo na manhã seguinte. Era isso que Susana queria, não era? Confessar

diante da morte? Para Fox, agora, eles eram irmãos de armas. Ou alguma bobagem dessas.

— Certo, eu prometo.

— Bom garoto. Agora escute com atenção, porque eu só vou falar uma vez.

Fox sentiu nos osso que não seriam boas notícias.

Capítulo 41

Matador de Zumbis (XI)

Fox prestou atenção. Não gostou do que ouviu, mas prestou muita atenção.

— Sabe — disse depois que ouviu o pedido de Susana. — Penso nisso como uma jornada.

Fox ainda não havia respondido. Susana achou que o garoto estava tentando assimilar a coisa toda. Não faria mal ouvi-lo.

— Como assim?

Fox pensou um instante, escolhendo as palavras.

— O que me vem à cabeça é o **Mágico de Oz**. Nós quatro somos os personagens principais. Estamos em uma jornada. Eu desejei de todo coração viver uma ventura assim.

— Coração — disse Susana pescando a idéia. — Então você seria o Homem de Lata.

— Isso. Jamal, por outro lado, sempre foi muito covarde e acho que agora ele está enfrentando isso muito bem.

— Covarde — disse Susana. — Leão Covarde.

— Exato. E o Seth, meu Deus! Esse negócio de viver caçando demônios... o jeito que ele olha pras pessoas. Acho que há algo errado com a cabeça dele.

— Cabeça, cérebro. — Susana deu uma gargalhada. — Seth seria o espantalho!

Fox também riu.

— É. Seth seria o espantalho. Ele é estranho. Assustador.

— Seth sofreu algumas coisas na vida quando ainda não estava pronto para sofrê-las. Por isso perdôo muita coisa nele.

Fox quis dizer que isso era amor, mas achou melhor não dizer nada.

— Bom, não sei se você está tentando voltar pra casa, mas por eliminatória você seria Dorothy.

Susana ficou em silêncio. Estava pensando em Seth. E que gostaria de poder voltar no tempo. Voltar para um tempo específico. Um tempo onde era feliz. Um tempo de onde fora arrancada por um tornado e levada para uma terra de monstros. Talvez ela fosse mesmo Dorothy.

— Você deveria escrever histórias de terror, garoto.

— Acho que não, ninguém lê muito isso. Se bem que eu acho que seria divertido.

— Não importa. Assim mesmo você deveria. Agora corta a ladainha e responde a minha pergunta. Por que nesta versão, Dorothy vai virar uma *morta-viva*.

Capítulo 42

Esquizofrenia Blues (XI)

Seth perguntou a Jamal quanto tempo havia se passado desde a partida da viatura. Jamal respondeu. Seth mandou o garoto dar a partida no carro. Ainda pensava em Susana.

— Olha — começou Jamal, — Eu...

— Ei garoto — interrompeu Seth com cara de poucos amigos, — sem conversa.

Capítulo 43

Val-Paso (XI)

Fox e Susana entraram em Val-Paso. Ambos estavam em silêncio. Haviam passado pelos zumbis que Fox havia derrubado e logo outros começaram a caminhar em direção ao carro. O garoto fez menção de baixar os vidros, mas Susana o impediu. Ela disse apenas:

— Economize balas.

Os mortos andavam sobre a terra. Caminhavam lentamente e com fome. Aparentemente a morte não trazia respostas, nem aplacava o vazio e as necessidades. Susana apertou o volante com força e em seguida, numa guinada brusca, subiu na calçada, a lateral da viatura explodiu numa constante chuva de faíscas contra os prédios e

muros. Vários *morto-vivos* foram engolidos, desaparecendo sob o carro. Ela manobrou para a rua novamente e atropelou mais dois. Nuvens de pó e restos secos estouravam após o choque e voavam pelo ar. Quatro outros vinham lado a lado pela rua, mortos e deprimentes. Ela girou o volante atingindo os quatro com a lateral do carro. Um deles rolou inteiro, os outros ruíram. Em seguida engatou a ré e esmagou mais dois contra uma parede. Os vidros do carro explodiram para fora. Um zumbi ficou pendurado na lataria e foi arrastado cidade à dentro. Os mortos continuavam avançando. Muitos se atiravam deliberadamente na direção da viatura. Alguns conseguiram se segurar e Fox começou a disparar com ambas as armas. A cada disparo um carona caía. A mira do garoto era perfeita e Susana ficou satisfeita. Um morto que rolou pelo capô ao ser atropelado pendurou-se na porta do carro e agarrou o braço de Susana.

— Segure-se! — gritou, e o carro atingiu uma vitrine levando três zumbis para dentro, juntamente com a viatura.

A frente do carro estourou um balcão de mármore e uma nuvem de pó e pedra explodiu contra o pára-brisa.

O carro morreu.

A sirene silenciou.

Susana livrou o braço com um puxão e deu a partida.

Nada.

Girou a chave novamente.

Nada.

Susana sentiu um forte cheiro de gasolina e soube que algo devia ter partido o tanque.

O carro estava morto.

A loja estava cheia de mortos. O carro estava cercado. O braço de Susana foi agarrado novamente e ela foi puxada para fora do carro. Os mortos a abraçaram ansiosamente.

Inevitavelmente ela se lembrou do episódio com o *morto-vivo* carteiro e o pó verde que havia selado seu destino. Lembrou-se da confusão, do medo que sentiu e da certeza que veio depois. O que você sabe pode ser tão assustador quanto o desconhecido. Às vezes, até mais. Susana perdeu o controle e começou a gritar.

Capítulo 44

Suzie Q (XI)

Susana estava fora do carro. Os mortos a seguravam e buscavam mordê-la. Com a batida, as armas haviam caído das mãos de Fox, que tentava encontrá-las no escuro. Do lado de fora o *giroflex* do carro da polícia continuava girando em silêncio, iluminando parca e fantasmagoricamente o interior da loja. Susana se debatia e chutava os mortos que pareciam famintos, mas também hipnotizados pelas luzes do carro de polícia. Um deles abriu a bocarra podre perigosamente próximo ao seu pescoço. Susana deu uma cabeçada na criatura, desprendendo seu maxilar, que ficou pendurado por uma tira de músculo podre. O cheiro era horrível. A língua do

morto sem boca dançava como uma serpente negra. Mesmo não tendo mais o que perder, Susana não queria ser devorada viva. Por isso gritou quando percebeu que estava imobilizada. Susana estava com medo e não queria morrer. As imagens do sexo com Seth faiscavam em sua mente. Nunca mais, meu amor, nós dois, nunca mais. Sentiu um aperto no peito que nada tinha haver com a dor muscular que minava seu corpo. E essa dor, a dor da perda, foi mais forte. Sentiu uma mordida na bota e sabia que logo ela chegaria à carne.

Fox levantou gritando, com as duas armas em punho e de dentro do carro, começou a disparar. Susana sentiu o zunido de uma bala na altura de sua orelha e um morto caiu. Novos disparos, novos zunidos e mais mortos caíram. Um, dois, três e mais outro. Quando conseguiu se mover novamente, Susana jogou-se contra uma parede, esmagando um *morto-vivo* que a segurava por trás. Caiu de joelhos e sentiu que seu corpo estava cada vez mais rijo e que estava quase sem reflexos. Lágrimas escoriam por seu rosto. Ergueu os olhos e viu uma escada iluminada pela luz fantasma da viatura. Levantou-se com dor e correu até lá.

Vários mortos, atraídos pelo barulho, seguiam loja à dentro.

— Saia do carro! — Gritou para Fox, apontando as escadas.

O garoto espremeu-se entre o carro e a parede e seguiu Susana para o andar superior.

No meio da escada havia uma garotinha morta, em um vestido de flores vermelhas desbotadas. Trazia um rato morto nas mãos e tinha a boca pintada com sangue. Ela enrugou a cara e mostrou os dentes. Como uma fera assassina ela saltou sobre Susana, que sacou a arma e disparou. A cabeça da *coisa/criança* explodiu em carne seca e pó.

Fox subiu a escada de costas, disparando cada arma de uma vez, derrubando os mortos que os seguiam. No entanto, era como tentar matar um pesadelo. Para cada criatura que caía, outros dois tomavam seu lugar. A pequena multidão de mortos se engarrafava no início da escada. Bocas abertas, olhos sem vida, braços esticados, gemidos, grunhidos, sussurros e fome.

Os dois entraram em um quarto abarrotado de caixas de papelão e fecharam a porta. Susana caiu de

joelhos sentindo todos os músculos de seu corpo arderem. Suas pernas não agüentariam muito tempo. Fox começou a recarregar as armas.

Susana ofegava. Ela olhou para o garoto por entre os cabelos colados ao rosto. Seus pulmões pareciam de pedra. Quando recuperou o fôlego, disse apenas:

— Fim do primeiro round.

Capítulo 45

Matador de Zumbis (XII)

Fox olhou pela janela e viu que a pequena multidão de mortos que cercava a loja. Oras bolas, ele simplesmente não resistiu à tentação. Sacou as duas as duas armas e começou a disparar. *Morto-vivos* começaram a cair.

— Você — disse Susana respirando pesadamente.
— Precisa arrumar outro carro. Assim atingiremos mais zumbis.

Fox fez que sim com a cabeça e saltou pela janela. Correu pelo beiral do primeiro andar e saltou para o telhado vizinho. Alguns dos *morto-vivos*, atraídos pelo som dos disparos anteriores o seguiram pela calçada logo abaixo.

Do segundo telhado ele saltou para o teto de um ônibus que havia batido em um poste. E dali pulou para o chão. Os mortos pareciam vir de todos os lados e em questão de segundos ele estava cercado. Fox estalou os ossos dos dedos das mãos e sacou as armas novamente. Começou a disparar como havia feito antes, avançando a cada tiro. Um passo, um disparo, um passo, um disparo. Abriu caninho entre os mortos que o acompanhavam em seus passos de mortos e assim que teve uma via de acesso, correu para o outro lado da quadra, onde vários carros haviam sido abandonados.

O primeiro carro estava sem as chaves, o segundo também. Fox ajoelhou-se ao lado de um dos veículos e começou a recarregar as armas. Os mortos começaram a se aproximar demais. Assim que acabou, levantou-se continuou a verificar os carros. Encontrou um com as chaves na ignição, disparou algumas vezes para ter tempo de entrar no carro, mas quando se sentou, algo muito, muito rápido o segurou pelo braço e o arrancou dali. Fox voou pela rua até a calçada. Atravessou uma cerca de madeira, sumindo na escuridão. Levantou-se confuso e dolorido, em meios a lascas de madeira. Suas armas

estavam caídas em algum lugar no escuro. Olhou para a rua e viu o que o havia atacado.

Ao lado do carro havia uma coisa muito grande, inumana, sem pele, apenas músculos frescos e úmidos. Parecia um halterofilista desprovido de pele, com exceção das garras ao invés de mãos e pés. E da boca. Os dentes além de numerosos, não cabiam dentro dela. Agora entendia porque Seth e Susana chamavam aquilo de coisas. A criatura estava curvada, mas ainda em duas pernas. Ela gritou arreganhado a bocarra e som medonho fez os vidros dos carros explodirem. Ela saltou de onde estava e subiu no ar como se pudesse voar, caindo a poucos centímetros de onde ele estava.

Fox sacou a arma reserva e disparou várias vezes. A criatura saltou para trás evitando que os dois disparos a atingissem na cabeça. Ela era rápida, mas não tanto. Fora atingida no peito, nos braços e no pescoço. Não conseguiu cair de pé, desta vez. Rolou de costas até bater em um carro, afundando-se dentro dele até ficar inerte. Fox sorriu e levantou-se para procurar suas armas. Alguns mortos ainda estavam caminhando em sua direção. Encontrou uma delas. Desistiu da outra. O tempo era curto. Quando

saiu para a rua, a criatura não estava mais lá. Ela não estava morta. Ela estava escondida, à espreita. Fox olhou assustado para todos os lados. Estava sendo caçado.

— Aquilo — disse em pânico. — Definitivamente não era um zumbi...

Capítulo 46

Esquizofrenia Blues (XI)

Seth e Jamal entraram na cidade mais calmamente. Vários corpos estavam espalhados, indicando a passagem de Fox e Susana. Ao longe podiam ver alguns mortos zanzando de um lado para o outro. Seth pediu que Jamal parasse.

— Você espera no carro, em silêncio e abaixado. Com sorte eles não vão te incomodar. Se incomodarem, você atira. Se algo que, não eu, tentar entrar no carro, você atira, e se eu voltar aqui parecendo mais morto que vivo, você atira. Entendeu?

— Você já me parece mais morto que vivo.

— Que ótimo, talvez assim eles me deixem passar.

Sem dizer mais nada Seth atravessou a rua e saltou para um quintal. Jamal se abaixou e ficou o mais quieto e imóvel que seu medo permitia.

Seth entrou em uma casa e havia um grupo de zumbis debruçados, dividindo um cachorro morto. Ele começou a disparar e os mortos se projetaram em sua direção. Sua mão se moveu como o vento tornando apenas um borrão. Ele liquidou todos, um disparo para cada um. E quando parou para recarregar um *morto-vivo* o agarrou por trás. Seth jogou a cabeça para trás atingindo o rosto da coisa que cambaleou e caiu. Virou-se rapidamente pisando no rosto do zumbi. Seu pé sumiu enterrou-se dentro daquela cabeça podre. Em seguida, começou a por um plano em prática.

Seth corria de casa em casa. Em sua maioria estavam abertas e abandonadas. Arrombou algumas, ora entrando por uma janela, ora por uma porta velha. Em todas, ele abria os registros de gás e provocava um pequeno incêndio em um cômodo próximo. Ateava fogo em uma cortina, em um lençol ou em revistas e jornais. Depois fechava todas as portas e saía.

Logo tudo iria pelos ares. Seth sabia que o fogo purificava. Um incêndio em grande escala certamente acabaria com os zumbis, burros o bastante para fugirem a tempo, mas seu alvo principal era outro.

Seria apenas uma questão de tempo até as coisas perceberem o que ele estava fazendo. Isso obrigaria os demônios a saírem de seus esconderijos. Isso obrigaria as coisas a caçá-lo.

Capítulo 47

Val-Paso (XII)

Seth estava enganado. Os *morto-vivos*, definitivamente estavam incomodando Jamal. Logo que Seth saiu, uma pequena multidão cercou o carro e Jamal não teve coragem de se levantar para olhar. Ele podia ouvir as criaturas rastejando a sua volta. Esbarrando umas nas outras ou no próprio carro. Em seguida começaram as batidas. O veículo começou a balançar e os nervos de Jamal chegaram ao limite. Ele começou a gritar, o que fez com que os mortos atingissem o carro com mais força.

Algo chegou saltando. Era grande e pesado. Pousou com força em cima do capô, fazendo com que os vidros explodissem para fora. Com um movimento rápido,

a coisa que não era um *morto-vivo* rasgou a lataria do carro e puxou Jamal para fora. Ela o segurava pelo pescoço e o olhava diretamente nos olhos. Jamal abriu os olhos e no mesmo instante se arrependeu de tê-lo feito. A coisa não tinha pele. E a boca era enorme. A criatura começou a abri-la ainda mais. Jamal pode ouvir o que seria o maxilar da coisa estalando e de repente sua cabeça inteira era uma boca aberta. E o que ela fez em seguida foi simplesmente empurrar lentamente a cabeça de Jamal para dentro de sua boca. Ele viu os dentes da coisa passarem lentamente sobre seus olhos. Sua cabeça havia sumido dentro da coisa. Os dentes que não cabiam dentro da própria boca se fecharam.

Jamal não viu mais nada. A coisa jogou seu corpo sem cabeça no asfalto e os mortos o cercaram para devorá-lo. Em seguida a coisa farejou o ar e saltou para um quintal. A caçada estava apenas começando.

Capítulo 48

Suzie Q (XII)

Susana obrigou-se a levantar. Os mortos estavam batendo a porta e ela não tinha certeza se a madeira iria agüentar. Caminhou até a janela e pôs uma perna para fora. No processo, olhou para as próprias mãos e para os braços. Estavam quase sem cor, pálidos. A garganta arranhava demais. Começou a chorar de novo.

A porta caiu em um baque surdo. Uma onda de mortos rumava em sua direção. Com algum esforço ela passou a outra perna para o lado de fora, quando um *morto-vivo* agarrou seu braço. Ela se virou com os dentes cerrados e à mostra, encostou o cano da arma na cara do zumbi e disparou. A criatura caiu para trás, sem rosto. Mesmo com dor, Susana conseguiu chegar ao outro

telhado. Olhou para trás e viu que os mortos a seguiam. Alguns faziam o mesmo caminho, outros, empurrados pelos próprios companheiros de fome, eram derrubados na calçada. A queda os despedaçavam em espessas nuvens de pó. Susana seguiu adiante até não ter mais para onde ir. Então saltou.

Susana caiu sobre o ônibus e rolou até atingir o chão. Sua arma voou para longe. As outras armas estavam na viatura, mas não achava que conseguiria pegá-las agora. Os mortos a seguiram. Em questão de segundos estava cercada, sentada não chão, com as costas apoiadas contra o ônibus. O círculo de mortos se fechou. Os braços estendidos, as bocas abertas, os olhos sem vida. Susana fechou os olhos.

— Seth... adeus... meu amor...

Silêncio.

Nada aconteceu.

Abriu os olhos e as criaturas a encaravam bovinamente. As bocas estavam fechadas, os braços estendidos ao longo do corpo, as cabeças inclinadas, quase pensativas. Sem o menor aviso os mortos se viraram e

voltaram a andar aleatoriamente em busca de algo para devorarem.

Em um primeiro momento Susana não entendeu o que havia acabado de acontecer. E então, ela entendeu. Ela soube. E isso a assustou terrivelmente. Pode existir um horror maior do que este? Ela percebeu... ela entendeu... Susana não foi ignorada. Ela foi reconhecida. Para os mortos, Susana não era alimento. Para os mortos, em sua lógica estúpida de mortos, Susana era um deles.

Capítulo 49

Matador de Zumbis (XIII)

Fox correu para os carros. De nada adiantaria ficar com medo. Susana poderia estar precisando de ajuda. A criatura poderia tê-lo matado, mas ele também poderia. Então tudo estava bem, por enquanto. Para Fox, a criatura havia fugido porque estava com medo. Mas na verdade não foi exatamente isso que aconteceu. A criatura não havia fugido. Ela fora atraída pelos gritos de Jamal.

Fox disparou contra alguns *morto-vivos* para chegar até uns dos carros e seguiu para a loja onde havia deixado Susana. No trajeto, atropelou três ou quatro zumbis, disparou em mais alguns e, de repente, parou no meio do caminho, boquiaberto.

Descendo a rua calmamente vinha Susana. Ela mancava um pouco. Passava por entre os mortos e eles não a notavam. Mantinha a cabeça baixa, os braços largados ao longo do corpo. Fox desceu do carro e correu para ajudá-la.

— Susana! — Gritou realmente preocupado. — Você está bem?

Ela reagiu ao som de sua voz levantando a cabeça, mas o cabelo, que estava agora solto, cobria todo o seu rosto.

— Susana? — Fox colocou a mão em seu ombro. — Susana?

O pescoço de Susana se dobrou de maneira quase mecânica e ela abocanhrou o pulso de Fox. Ele gritou e puxou o braço de volta. Um bom pedaço de pele ficou entre os dentes dela.

— Jesus Cristo! — Gritou Fox, segurando a ferida no pulso com a mão esquerda.

Susana levantou a cabeça e o movimento fez com que os cabelos revelassem seus olhos sem vida. Ela arreganhrou os dentes, os olhos e atacou.

Os dois caíram e rolaram pela rua. Fox segurava as mãos dela e tentava se esquivar de sua boca. O buraco em seu pulso vertia sangue fresco e os olhos dela estavam vidrados na ferida. Susana era mais forte do que ele. O sangue estava empapando o sobre-tudo e apesar de todo seu esforço, Fox não estava conseguindo se livrar dela. Susana salivava em seu rosto, voraz, como um animal faminto. Os braços do garoto começaram a ceder e... por fim, cederam. Susana fechou os dentes em sua garganta e ele gritou.

Capítulo 50

Esquizofrenia Blues (XIII)

Seth imaginou que a transformação não deveria acontecer tão rápido assim. Mas aconteceu. Ela sabia que ia morrer. Então, Seth fez o que precisava fazer. Levantou o braço, apontou e disparou. Um furo negro apareceu na testa de Susana e ela morreu pela segunda vez. Seu corpo desabou sobre o de Fox. O garoto virou a cabeça e viu Seth de pé no meio da rua, o braço ainda estendido, a arma, fumegante, ainda apontada. Atrás dele, várias casas começaram a explodir.

Capítulo 51

Matador de Zumbis (XIV)

Fox rolou o corpo de Susana e ajoelhou-se. Rasgou um pedaço da camiseta em duas tiras e enrolou uma no pulso e outra no pescoço. Olhou para Seth para agradecer e viu que ele continuava com a arma apontada. Olhou para o corpo de Susana e novamente para Seth.

— Cara... não havia o que fazer.

Seth continuava com arma erguida. Olhava fixamente para Fox. *Aqueles olhos*, pensou o garoto, *Jesus Cristo!* Sem a menor cerimônia Seth engatilhou a arma.

— Cara... não me mate...

— Você foi mordido. Você é um deles.

Fox olhou em volta. Os *morto-vivos* começavam a rodeá-los.

— E que diferença faria um a mais? — Perguntou Fox, esperançoso.

— Ou um a menos?

Seth olhou para os lados e deu de ombros. Caminhou até Fox e o ajudou a se levantar. Atrás de Seth o incêndio crescia. Explosões ocasionais aconteciam.

— O que você fez? — perguntou Fox, apontando para o fogo.

— Minimizei nossa busca, aumentei nossas chances. Em questão de horas tudo aqui vai virar cinza.

— Um legal. Tem um cigarro? Os meus acabaram.

Em volta os mortos fechavam o círculo. Seth retirou o maço de cigarros do paletó e o estendeu aberto para o garoto. Havia apenas dois cigarros lá dentro e o isqueiro de metal escovado. Fox pegou um e o acendeu. Depois devolveu o maço para Seth, que retirou o último cigarro e também o acendeu. Guardou o isqueiro de metal escovado no bolso e jogou o maço vazio fora.

— E agora? — Perguntou Fox.

Seth tragou profundamente e soprou a fumaça para cima. Bateu as cinzas e tragou de novo.

— Mate quantos puder. — A fumaça saiu em meio às palavras. — Esse é seu momento de glória, garoto.

Fox sorriu.

— Provoque estragos — continuou Seth. — Atire em tanques de gasolina e em tudo o que você achar que possa explodir. Mire na cabeça, não desperdice balas. Uma bala por cabeça. Não fique parado, mas não corra. Gire, mude de direção. Não deixe as costas expostas por muito tempo.

Seth deu mais uma tragada longa e prendeu o cigarro entre os dentes.

O círculo foi se fechando. Seth e Fox estavam um de costas para o outro. Bem próximos, cercados pelos mortos.

— Ah — disse Fox. — Só pra saber. Têm armas e munição na viatura. Uma quadra acima.

— Ok.

— Algo mais?

— No caso das balas acabarem e você ainda estiver de pé, desça o braço, chute, esperneeie, depois corra e encontre mais balas, se não encontram, continue correndo.

— Legal... foi um prazer!

— O prazer foi todo meu, garoto, o prazer foi todo meu.

O círculo se fechou.

Capítulo 52

Esquizofrenia Blues (XIV)

Seth começou a disparar e a se mover. Atirava com a direita, alternando as direções. Um tiro pra cá, outro pra lá. E foi como havia dito. Uma bala por cabeça. Depois de cinco tiros cuspiu o cigarro fora, rolou no chão e disparou contra o tanque de gasolina de um carro próximo. A explosão veio quente e perigosamente próxima. Seth jogou-se no chão. Sua roupa fumegava.

Fox sentiu o hálito quente em sua nuca e cheiro de cabelo queimado. A explosão derrubou vários zumbis e alguns caminhavam em chamas, espalhando mais o fogo. Seth arrastou-se para baixo de outro carro e rolou o tambor despejando as cápsulas vazias, para em seguida, recarregar

sua arma. Depois rolou para fora e se levantou. Olhou para Fox e viu que ele estava caído. Seu primeiro impulso foi o de ajudar o garoto, mas sabia que não haveria tempo. Precisava aproveitar a oportunidade. Sabia que as coisas escapariam aos montes, por isso precisava se apressar e causar o maior número de estragos possíveis. Por isso continuou atirando, explodindo coisas, recarregando, atirando, explodindo coisas e recarregando de novo.

E então, suas balas acabaram, definitivamente.

Capítulo 53

Matador de Zumbis (XV)

Quando ouviu o primeiro disparo de Seth, Fox começou a disparar também. Abriu caminho à balas até romper o cerco. Quando teve espaço aberto para correr até a viatura, ouviu uma explosão, sentiu o hálito quente em sua nuca e cheiro de cabelo queimado. O cigarro caiu de sua boca. Voltou-se para ver se Seth estava bem. Estava, mas sua roupa e seus cabelos soltavam fumaça. No entanto, o momento de distração custou caro.

Fox foi derrubado por *morto-vivo* mais fresco. O cadáver era úmido, grande e forte. Estourou a cabeça da criatura antes que ela pudesse mordê-lo, mas como estava no chão, outros mortos o seguraram. Sentiu uma mordida em sua perna, outra no braço. As coisas mordiam e

arrancavam pedaços de sua carne. Estava sendo devorado vivo. Gritou e disparou aleatoriamente até descarregar sua arma. E então, começou a espernear.

Entre as dentadas e seus movimentos bruscos, conseguiu se esquivar e rastejou para fora do amontoado de *morto-vivos* que se chocavam uns com os outros.

Os próprios zumbis ao se chocarem, atrapalhavam uns aos outros. Fox aproveitou-se disso e rolou pela rua até bater em um carro. Rastejou para debaixo do veículo e pegou a arma reserva. Respirou fundo, tentando ignorar a dor. Rolou para fora do carro e voltou a matar *morto-vivos*.

Fox disparou algumas vezes de onde estava e tentou ficar em pé. Sua perna cedeu e ele caiu na calçada. Olhou para a perna ferida e viu que, além do tecido, um bom pedaço de carne não estava mais ali.

O matador se zumbis estava ensopado de sangue e o mundo a sua volta começava a perder o foco. Limpou o suor da testa e sentiu sangue em seu rosto. O ferimento no pulso havia ensopado o curativo improvisado e o sangue transbordava. Rastejou de volta para o carro e entrou. Os mortos o cercaram rapidamente e começaram a se enfiar

pelas janelas. Fox continuou disparando até suas balas acabarem novamente.

Tentou recarregar a arma, mas começou a ser puxado por todos os lados. Tudo o que via eram mãos e mais mãos agarrando seus cabelos, seu rosto e suas roupas sujas de sangue. Depois foram dos dentes.

Fox procurou esquecer-se disso e concentrou-se em recarregar sua arma reserva. Quando a engatilhou, sentiu uma mordida no pescoço. No entanto, estava sorrindo. Havia realizado seu sonho. O sonho do seu coração. Ele havia desejado viver uma aventura assim. Quantos no mundo podem dizer que realizaram seus sonhos de infância? Fox realizou. Claro que era um sonho imbecil, mas era o seu sonho imbecil. Seu sorriso dobrou de tamanho. Sentia-se na *porra* de um filme da Disney.

— Vocês não vão me matar seus bostas — gritou em fúria.

Os mortos o mordiam em vários lugares.

— Muito menos vou me tornar um de vocês! — Fox gargalhava como um louco. — Hasta la vista, baby!

O Matador de Zumbis colocou a arma em baixo do próprio queixo e apertou o gatilho.

Capítulo 54

Esquizofrenia Blues (XV)

Sem balas, Seth começou a correr para a viatura. Um morto abriu os braços para recepcioná-lo e ele saltou atingindo um chute em seu peito. Caiu junto com o zumbi e rolou para longe. Sentia o ferimento no pé quente e úmido. Levantou-se e outro morto estava à sua frente, de braços estendidos. Seth desferiu um cruzado de direita e a cabeça da criatura desprendeu-se do corpo. A coisa sem cabeça ameaçou um passo e desabou para trás.

Seth olhou para a rua cheia de *morto-vivos*. Suas chances não eram das melhores. Mas que escolha tinha? Seth voltou a correr, pelo menos o quanto seu pé ferido permitia. Subiu em um carro e saltou para outro, voltando,

depois, para a rua. Os mortos, primeiro o acompanhavam com o olhar, depois começavam a segui-lo literalmente. Antes de chegar à loja, viu as luzes da polícia girando na noite. Havia uma grande concentração de mortos por ali. Seth jogou-se no chão, rolou para debaixo do ônibus e acabou saindo do outro lado. Levantou-se dolorido e parou diante da loja, ofegante. Apoiou as mãos no joelho enquanto recuperava o fôlego. Havia um forte cheiro de gasolina no lugar. Limpou o suor da testa com as costas da mão direita e ficou olhando para a coisa sem pele sentada em cima da viatura.

— Só ficou você, não é?

A criatura apenas observava. Uma saliva espessa escorria pelos dentes. Parecia fascinada e ao mesmo tempo entediada.

— Covardes! Tudo em vão!

A criatura não esboçou nenhuma reação. Seth caiu de joelhos entregando-se ao cansaço. Estava desarmando diante de um demônio renascido. Não tinha a menor chance. Arqueado e ofegante, apoiou as mãos nas coxas e sentiu o isqueiro de metal escovado sob o tecido do bolso

da calça. Instintivamente buscou a origem do cheiro de gasolina e viu a enorme poça em baixo do carro.

A criatura se encolheu em cima da viatura, como um felino prestes a dar o bote. Aparentemente já havia se divertido o suficiente. Seth mantinha a cabeça baixa. Olhou para o lado com o canto dos olhos e viu que os mortos estavam se aproximando. E vejam só, se tudo nessa vida não se trata de ritmo.

Seth acendeu o isqueiro e o jogou em baixo do carro, rolando depois, para o lado. O fogo subiu rápido para o tanque que explodiu. A criatura foi derrubada do capô com o baque. Seth entrou na loja e enfiou o salto do sapato na cara da coisa que rolava no fogo. A criatura rolava e esperneava para se livrar das chamas.

Enquanto isso Seth enfiou o braço pela janela da viatura em chamas e retirou a bolsa de Susana com as armas dentro. Puxou uma delas e disparou até que a cabeça da coisa virasse uma pasta em chamas. Ela se debateu durante mais um tempo, mas acabou se entregando à morte e ao fogo. Seth sorriu. Adorava clichês, principalmente os que aconteciam com ele.

A barra de sua calça também ardia. Seth caminhou para fora da loja abafando o fogo de suas roupas e voltou a disparar nos mortos ambulantes.

Depois de um tempo, quando achou que já tinha feito o bastante, olhou rua acima procurando algum carro inteiro. Achou o que procurava e seguiu até lá, ou melhor, mancou até lá. Suas roupas soltavam fumaça.

Nada mal para uma noite de trabalho. Era uma pena ter perdido o isqueiro de metal escovado.

Capítulo 55

Esquizofrenia Blues (XVI)

Logo que pegou o carro, Seth voltou à rua principal ajoelhou-se ao lado do corpo de Susana.

— Susie... — disse com lágrimas nos olhos. — Meu bem... eu... sinto muito. Eu...

Em seguida recolheu o corpo de sua amada e saiu dali antes que ficasse preso pelo fogo. Val-Paso e seus mortos foram consumidos pelas chamas.

Capítulo 56

Esquizofrenia Blues (XVII)

Depois da cerimônia Seth estava ao lado de seu pai. Ambos olhavam para o túmulo de Susana. Seth estava limpo, de barba feita e vestia um terno novo, mesmo assim ainda parecia mais morto que vivo. Seu pai se apoiou na bengala para retirar algo do bolso. Passou para Seth um envelope amarelado. Seth riu, abriu e chorou. Dentro havia a foto de uma menina de quatro anos. Ela sorria para câmera. Seth reconheceu seus olhos na menina. Atrás estava escrito com a caligrafia de Susana: “O Bem ainda existe”. E um endereço.

— Você vai continuar... caçando demônios?

— Sim. Val-paso foi uma armadilha. Os demônios estão em outro lugar... por aí.

— Seth...

— ...

— Seth, por Deus do céu!

— ...

— Mas agora você tem uma filha...

— Por isso mesmo — disse Seth. — Justamente por isso.

Por fim devolveu a foto ao envelope e o envelope ao pai. Tinha um trabalho a fazer.

Simon, o anjo, estava postado atrás de Seth, sonhando em ser humano, sonhando em ser herói. Sem saber que um emissário do Sr. Gray, o Homem Cinza, também estava.

Capítulo 57

Esquizofrenia Blues (XVIII)

Dois meses depois um Opala vermelho entrou na propriedade de Papa-Lulu. Com toda a maldita certeza do mundo o velhote estava pensando que havia me esquecido dele. Ah! Até parece!

Seth não estava feliz, o pé ainda não havia cicatrizado e incomodava pra valer. Incomodava MUITO! Ultimamente andava deprimido, bem, digamos que mais deprimido do que normalmente Seth costumava ser. Andava sonhando com Susana e isso significava que problemas estavam para despontar no horizonte. Portanto, Seth definitivamente não estava nada feliz.

Seth entrou sem tocar a campainha. Do lado de fora se ouviram seis disparos. Minutos depois Seth saiu do

barracão já em chamas. Então, ele acendeu um cigarro e foi embora.

Já na estrada, Seth olhou novamente para o papel em sua mão. Uma lista com trinta nomes e endereços que Papa-Lulu redigiu sob a promessa de que ficaria vivo se entregasse os hospedeiros que conhecia. Não dá pra culpar o velhote por tentar, você não tentaria? Quando se está diante da morte a gente faz o que pode. De qualquer maneira ele entregou os demônios, uma lista com trinta nomes e endereços assim como fora combinado. Mas mesmo assim, Seth o matou. Papa-Lulu cumpriu sua parte e mesmo assim Seth o matou. Bem, Seth mentiu.

“(...) depois de um tempo você aprende que heróis são pessoas que fizeram o que era necessário fazer, enfrentando as conseqüências (...)”

Willian Shakespeare

TRASH – LIVRO II

VAMPIROS EM REVOADA

CAPÍTULOS:

QUEDA LIVRE

SUSIE Q II

ESQUIZOFRENIA BLUES II

WHITE SNAKE

MEXICANO LOUCO

SOBRE O AUTOR:

Hugo Maximo é trabalha como Coordenador de Projetos do Instituto Evoluir [www.institutoevoluir.org.br] e mantém seu site pessoal no endereço:

www.matrixordinaria.blogspot.com.

Hugo cresceu em uma biblioteca. Filho de bibliotecária, passava as tardes de sua infância em companhia de Monteiro Lobato e tantos outros, na biblioteca de Goioerê, cidade paranaense onde nasceu. Veio para Blumenau em 1995, onde concluiu seu primeiro romance, intitulado: **A Fábula: Cidade dos Desgraçados**, Editora Hemisfério Sul, 2001.

Possui mais dois livros publicados *não-virtualmente*: **A Cidade LOBO** e **O Caso da Cruz de Prata**, Ambos, Editora Estúdio Criação, 2007 (partes integrantes da **Coleção Jóias Literárias** em parceria com o Instituto Evoluir, para o **Projeto TROQUE LIXO POR LIVRO**, ilustrados pelo Mestre dos Quadrinhos Eugênio Colonnese.

É formado em História pela FURB-SC e lecionou durante sete anos na rede estadual de ensino. Atualmente, além de escrever Livros, Blog, Histórias em Quadrinhos e canções de Rock, presta serviço como Coordenador de Projetos culturais.

Entre em contato com o autor em:
www.matrixordinaria.blogspot.com

Em caso de interesse na publicação desta obra em versão *não-virtual* entre em contato com o autor através do e-mail:
hugo.maximo@gmail.com